

Textos

Lucas Mendes Hessel

Coleção de artigos do Autor, colhidos de forma livre nos meios eletrônicos e redes sociais, jornais, revistas e livros diversos.

Todos estes trabalhos foram colhidos de forma eletrônica, já publicados e disponíveis livremente.

Esta coleção não é um livro, apenas um apanhado para registrar os trabalhos de sua autoria e/ou de sua preferência, publicados por ele, sobre temas diversos.

A critério do Autor poderá ser transformado em livro.

O ProjetoPF pode ajudar nesta tarefa. Contate-nos.

Data : 14/09/2014

Título : Adeus às pedras

Categoria: Contos

Descrição: O camarada do apartamento 6b lhe deu dois paus dos seis que ele havia pedido. A invenção da falta de gasolina não adiantou.

Adeus às pedras

O camarada do apartamento 6b lhe deu dois paus dos seis que ele havia pedido. A invenção da falta de gasolina não adiantou. Ele dirigindo, que besteira! Portanto, restava agora conseguir os outros três reais que lhe faltavam de outra maneira. Já era dia nove e o salário já havia ido todo para as mãos da esposa, que há seis meses confiscava invariavelmente todo o dinheiro que conseguia. Antes o que entrava vinha de bicos como auxiliar de pedreiro ou pintor, agora vinha do emprego de carteira assinada na pizzaria. Uma miséria, diga-se de passagem, mas ele não negava a estabilidade que o trabalho proporcionava. Já estivera em situações muito piores para desdenhar do trampo na Don Pepperoni. Lembrava-se de São Paulo e da função de vapor que exercia na favela. O crack vinha aos tijolos, literalmente, assim como as mascadas de dinheiro que da sua mão iam direto para o Cabeça, o dono da boca de fumo. O que fodia sua vida era a insistência da polícia em matar todos os envolvidos com o tráfico. Uma rajada de fuzil atingindo a parede acima de sua cabeça foi o suficiente para fazê-lo desistir da grande e sangrenta capital.

De volta à Solidão, engravidou a esposa, na época ainda menor de idade. Com os meses passados e o filho parido, a responsabilidade lhe caiu sobre os ombros como um contêiner cheio de lixo. A sociedade julga e boicota e, nesse caso, a solução que encontrou, do alto do seu conhecimento de ensino fundamental incompleto, foi voltar para o crime.

O primeiro assalto resultou em mais prejuízo do que qualquer outra coisa e sua única saída foi se lançar ao trabalho braçal e remunerado.

Aqueles foram dias em que não pensava em muita coisa. Ocupava a cabeça apenas com o mercado que tinha que ser pago e nas pedras que cobiçava mais que o bem-estar de seu pequeno, que crescia sem muito entusiasmo. Cruel não se ter dez reais na carteira depois de um dia de merda ao lado de uma betoneira, aspirando pó de cimento e carregando quilos de argamassa e areia nos ombros queimados pelo sol ou encharcados pela chuva.

Nem pra uma cachaça.

O que salvava, e nem sempre, era o grandalhão do 6b. Quando estava de bom humor, desembolsava até cinco contos, e ele, esquecido do filho e da mulher, ia nervoso e fissurado até a pontezinha. Saía de lá e a primeira latinha que encontrasse no chão era o cachimbo.

Assim vivia, calcinando os pulmões com refugo de cocaína e bicarbonato de sódio, tomando uma cachaça quando a grana não dava para a pedra e pensando nos caminhões de brinquedo que sonhava em dar para seu filho, pois a criança gostava, talvez pelo ronco alto dos motores ou pelo seu tamanho, de tudo que se assemelhasse a uma Scania.

E naquela noite lhe faltavam três reais.

Com dois no bolso e uma mochila nas costas, caminhou pelo CH apreensivo, procurando algum conhecido que sofresse do mesmo mal que o seu: a vontade incontrolável de mais crack. Até óxi serviria naquela noite. Pouco se importava se o Lambari misturava a pasta base com diesel ou gasolina, ele só se preocupava com a euforia e a autoconfiança que tanto lhe faltavam durante a semana. A vida começava no sábado.

Mas naquela noite ainda era quarta feira, e as duas últimas semanas sem drogas já haviam cobrado seu preço. Custasse o que custasse, ele necessitava de malditos três reais.

Na pior das hipóteses, fazia fiado no Lambari.

De qualquer forma, na frente do mercado do CH ele parou e esperou, rangendo as dentes sem se dar conta, quase sentindo o cheiro da fumaça e do alumínio queimado. Uma hora alguém apareceria e ele conseguiria o dinheiro que lhe faltava.

Esperou por meia hora sem ver viva alma. As ruas quietas viam movimento apenas quando o vento soprava o lixo das sarjetas. Nem cães vadios, nem gatos de beco passaram pela avenida principal, naquele tempo que esperou. Por fim, se decidiu em pedir um fiado, o Lambari havia de lhe apoiar dessa vez. Saiu a passo e trinta metros adiante do mercado divisou a silhueta larga e ossuda de alguém que vinha descendo para a vila. Apurou a visão e reconheceu o sujeito.

- Oh! – Gritou, erguendo o braço para o vulto encurvado que seguia seu caminho, atravessando um canto do campo de futebol da comunidade. – Falaí, Murilão! Qualé a boa?

Murilão continuou em frente, cabeça baixa, como se não tivesse ouvido. Quando se aproximou à distância de um braço, ergueu os olhos e lhe estendeu a mão: - Fala Tiaguinho. Tamo aí. – A voz desanimada e o aperto de mão não tão firme, o que era novidade.

Soltaram-se as mãos e olharam aos arredores, gesto automático do abstinência de crack, que sente, juntamente com a vontade crescente de fumar, uma desconfiança aparentemente sem sentido, mas que faz toda a diferença. Não poucas vezes essa desconfiança desencadeia socos, chutes, facadas e, se o viciado possui meios para tanto, tiros em qualquer um que represente uma ameaça.

- E os estouros? - Prosseguiu Murilão, os olhos baços e estúpidos, como se não esperassem uma resposta.

- Pois é. Me falta três pilas. Tô só por um apoio. – Respondeu Tiaguinho, metendo as mãos nos bolsos do jeans surrado, como se a materialidade da nota sebosa de dois reais lhe trouxesse tranquilidade.

- Derrubamo! – Respondeu Murilão, o rosto emagrecido sustentando um sorriso apagado. E então narrou os mais recentes acontecimentos de sua vida, informando que havia consumido, nas últimas vinte e quatro horas, cerca de vinte gramas de crack e que não dormia há muito tempo. Falou sobre o frenesi de drogas com algo semelhante à satisfação no tom de voz, e quando a narrativa alcançou o momento em que seu dinheiro terminava, prontamente apresentou a solução: – Fiz uma escolta pra Keli, tá ligado? Aquela putinha da São Bento. Acompanhei ela do Independente até em casa. Tu sabe que é embaçado pras mina. Aí ela me deu seis pilas, mas foi porque eu insisti. Por ela, me boqueteava e deu pra bola, só que nada eras. – Deu uma risadinha nervosa, que podia querer dizer desculpas ou tanto faz.

- Então bóra lá. – Respondeu Tiaguinho, já pensando na conversa que passaria no Lambari sobre os dois reais que iriam faltar.

Meia hora depois, ambos voltavam da pontezinha. Tiaguinho trazia no bolso duas pedras de crack, valendo cinco cada uma. O Lambari aceitou fazer fiado, de certo por Murilão estar junto. Desde que levasse a quantia restante da próxima vez, não teria galho. Caso contrário, ou uma surra bem dada ou algo pior. Nada mais esperado.

Uma dívida de dois reais pode parecer a coisa mais irrelevante na existência de alguém, porém, em um mundo de viciados, onde dois reais compram uma pedra de óxi e matam a fissura de um assaltante que sempre carrega consigo um punhal ou navalha, dever um valor assim pode fazer a diferença entre uma garganta cortada ou a serenidade proveniente de não dever nada pra ninguém.

Aproximavam-se do CH e Tiaguinho suportava, de má vontade, a lengalenga de Murilão, que falava sobre Zezinho e sua manufatura improvisada de cachimbos de vidro:

- Sei lá como que ele faz aquela merda, mas é o canal fumar neles.

- Fuma na lata, caralho! – Praguejou Tiaguinho, na onda de irritação que a fissura causara. - Tem uma lá. – Concluiu, apontando para uma lixeira presa ao chão, em frente a uma casa de esquina.

Tiaguinho ficou esperando no estacionamento de saibro ao lado do mercado, que foi para onde se dirigiram para usar suas pequenas porções de droga.

Ao voltar Murilão já aprontava a lata para cachimbarem. Amassou-a em uma das laterais e habilmente fez vários furinhos com um prego enferrujado que, ao que tudo indicava, trazia consigo no bolso da calça. Tirou do mesmo bolso um maço amassado de cigarros do Paraguai e pôs-se a fumar um deles com sofreguidão, colocando as cinzas cuidadosamente em cima dos buraquinhos, no côncavo produzido na lata. Tiaguinho era pura tensão e ansiedade no olhar.

Murilão fez as honras. Queimou sua droga antes do outro pelo simples fato de ter sido a parte que entrou com a maior quantidade de dinheiro. Havia dividido sua pedrinha de cocaína em duas e, em três furiosas tragadas consumiu uma das metades. Passou a lata para o companheiro enquanto tentava, a todo custo, não tossir. Tiaguinho, que ficou encarregado de segurar o cigarro ainda aceso, completou o repositório da droga com mais cinzas e depois colocou a sua parte em cima dos buracos. Dois pegas depois, logo após soltar ruidosamente a fumaça dos pulmões, já sentia a maldita e adorada sensação. Devolveu a Murilão a lata e o cigarro, que naquela altura era somente uma bituca.

Terminaram o consumo em silêncio, um de cada vez, e findada a função, ambos se deleitaram com a fugaz sensação de satisfação. A euforia se materializava na taquicardia que sentiam, e enquanto uma dose maciça de dopamina corria por suas veias, as luzes amareladas dos postes se mostravam mais brilhantes, à medida que as pupilas de ambos se dilatavam.

Para Tiaguinho, a sensação primária que o crack lhe causava era semelhante a estar submerso na água, com a audição minimizada por todo um universo espesso e pesado. No início, era apenas o seu ser e a clausura da própria mente, em um espaço confinado, seguro e sempre bem vindo.

Assim, dominado por essa espécie de torpor, foi sacudido por Murilão, que lhe falava algo que ele não ouvira. Voltou-se para a figura grande e magra:

- Hein, Tiago, agora aquela vagaba da Keli podia tá aqui. Um boquetinho caía bem. – E mais uma vez aquele risinho nervoso, ao qual Tiaguinho respondeu com um esgar de dentes deteriorados.

Não ligava para Keli ou para qualquer outra. Naquele momento a própria mulher não tinha importância. O filho era uma vaga e dolorida lembrança. Os caminhõezinhos nunca existiram. Só importava o barato e, desde que nenhuma viatura da brigada aparecesse, com seus porcos de merda, que o mundo inteiro fosse pro inferno.

A única coisa que lhe faltava era uma barrigudinha de cachaça...

- Ei, Tiago! Porra Tiago! – Murilão lhe deu um murro no braço. – Olha aqui, caralho!

- Que é? – Perguntou, incomodado.

- Passou uma barata pela tua cara! Tu não viu, meu? – Murilão chacoalhava o braço na frente de seu rosto, tentando afastar o inseto que vira. – Era do tamanho do teu nariz, porra!

Tiago franziu o cenho, não fazendo ideia do que Murilão dizia. Não havia barata nenhuma ali. Pelo menos não havia visto.

- Viagem tua, Murilão. Tem porra de barata nenhuma aqui. – Respondeu, se afastando do alcance do outro, sentando mais adiante.

- Como que não tem? – Insistiu Murilão, agora abanando a manopla suja em frente ao próprio rosto. – Não tá vendo? Sai, porra! – E se deu um tapa no peito.

Na semiescuridão, Tiago cerrou os olhos e observou com atenção. Murilão continuou se batendo, na barriga, nas coxas, nos braços, mas Tiago não via nada.

- Pare, louco! Tem nada em ti! – Mas Murilão não ouvia, apenas seguia se batendo, tentando afastar o inseto que insistia em pousar em seu corpo.

Aquela visão incomodou Tiago, que sentiu toda a prazerosa euforia de instantes atrás ir se convertendo em paranoia e, com uma intensa onda de mal estar, sentiu os primeiros tremores no peito e nos braços. Sabia o que viria a seguir: um filho de uma puta de um rebote.

Era só o que faltava. Toda uma correria pra acabar naquela merda.

Tiago se ergueu, deu um passo atrás, depois dois à frente, incerto do que fazer em seguida. Murilão começou a praguejar em voz alta, abanando os braços compridos acima da cabeça, depois metendo uma das mãos por baixo da camiseta, revelando a Tiago o cabo de um revólver que tinha metido na cintura:

- Entrou na minha roupa, meu! Entrou na minha roupa, me ajuda, caralho! – Tiago chegou perto e fez menção de tocar a camiseta de Murilão que, ao erguer os olhos em sua direção, deu um salto para trás, mortificado pelo pavor:

- Elas tão em ti! Tiago! Tu tá cheio delas, merda! Sai, louco! – Tiago pediu que se acalmasse, mesmo sabendo, no pico do efeito do crack, que tomar uma atitude dessas era algo que Murilão não tinha a mínima condição de realizar.

Mas o que ele poderia fazer? Apesar de querer, não sabia como ajudar.

Convencido de que as baratas eram pura nóia, se decidiu a dominar o companheiro e lhe explicar que não havia nada nele, nem barata, nem mosca, nem nada.

Infelizmente, Tiago não fazia ideia do que era a síndrome de Ekblom, e foi apavorado que viu Murilão, como se ele estivesse em câmera lenta, sacar o revólver da cintura enquanto gritava:

- Elas tão me mordendo! Merda! Tão me mordendo! Por dentro! Tem uma na minha barriga!

Tiago avançou com fúria para cima de Murilão. Precisava tirar o revólver de sua mão e, com essa intenção, conseguiu atingi-lo com um murro no rosto. O rapaz golpeado apenas perdeu um pouco do equilíbrio e continuou se debatendo, apontando a arma para todos os lados, o indicador queimado no gatilho.

- Tira! Tira! Tira elas de mim, Tiago! Elas tão comendo a minha cara! – E Tiago investiu novamente, apavorado com o delírio do parceiro e esperando não levar

um tiro. O coração batia-lhe no peito como um pistão, os músculos do corpo estirados como cordas que suportam um grande peso. Tentou agarrar-lhe o braço, na derradeira tentativa de tomar-lhe o revólver. Não conseguiu. Murilão era um feixe de loucura drogada, assustado e feroz. Mais fácil seria colocá-lo inconsciente com uma tijolada ou coisa que o valesse.

Atirou Tiago ao chão com um safanão, e, no instante seguinte, rasgava a própria camiseta com um único movimento, pondo-se a coçar o torso com fúria. Em meia dúzia de movimentos já tinha tirado sangue da carne com as unhas sujas.

- Tão por baixo da minha pele, porra! Tão me comendo! – Berrava Murilão sob o olhar assustado de Tiago, que chegou a se perguntar se aquela história das baratas não era verdade, tamanho era o medo que via nos olhos do outro, que nessa altura havia aberto uma grande ferida no ventre, ao esfregar a massa de mira do revólver perto do umbigo.

- Para com essa merda, Murilo! Para! Tu tá alucinado, meu... – A arma disparou. O projétil se perdeu na escuridão, o estampido ecoando pelas imediações do CH.

Tiago recuou e tropeçou nos próprios pés, caindo sentado, atordoado com os berros de Murilo e sentindo o coração prestes a estourar no peito. Arrastou-se como pôde para longe do maluco. Já havia desistido de tentar ajudar, mas antes que conseguisse se afastar o suficiente, Murilo correu em sua direção, os olhos desvairados, a boca aberta cintilando de cuspe, soltando um berro doentio, no qual dizia que a barata havia entrado em seu ouvido. Saltou por cima de Tiago, que defendeu o rosto com os braços, e foi até o meio da rua, ainda coçando ferozmente o corpo. De baixo da lâmpada do poste se retorceu como se convulsionasse, e foi uma questão de poucos segundos para começar a esmurrar a própria cabeça, atingindo o ouvido com a coronha da arma. Gritava como se tivesse sido mergulhado em ácido.

Tiago se pôs de pé, sufocado, se preparando para sair dali o mais rápido possível, mas antes que desse as costas para o parceiro que alucinava, divisou claramente, à luz suja que saía do alto do poste, Murilão apontando o revólver contra a própria cabeça, o cano enterrado dentro do ouvido, o mesmo dedo queimado pelo vício prestes a acionar o gatilho. Pensou em gritar, mesmo que de nada adiantasse, mas o trinta e oito enferrujado, com apenas mais uma bala no tambor, disparou antes que esboçasse qualquer reação.

Murilão interrompeu seu último grito antes de pronunciar a última sílaba da palavra “cabeça”, e seu corpo caiu desengonçado na poça de luz, a mão sem soltar a arma. Tiago correu, enquanto janelas e portas se abriam, regurgitando os cidadãos sonolentos ou insones que ouviram os gritos e tiros.

O morto, o mercado, a avenida principal do bairro ficaram para trás. Tiago desceu a lomba que desembocaria na divisa do CH com outro bairro, lavado de suor, de boca seca e com as pernas tremendo involuntariamente.

Atingiu a rua de casa e divisou o telhadinho quadrado adiante, a uns duzentos metros, mas não foi para lá. Quebrou a primeira à esquerda e seguiu até ficar debaixo de algumas árvores que rachavam a calçada com suas raízes antigas. Ali, se permitiu parar e recuperar parte do fôlego. Tentou encher os pulmões com o ar frio da madrugada e tossiu desgraçadamente, forçado pela vertigem a se escorar no tronco áspero da árvore mais próxima. A cabeça zumbia e tudo que

Murilão fez não teve o menor sentido. O sujeito deveria estar com a mente muito fodida pra acabar daquele jeito.

Findado o acesso de tosse, imaginou a si mesmo entrando em uma paranoia daquelas, e pensando no pior abriu bem os olhos e fixou o muro carcomido à sua frente. A imagem projetada de si foi real o suficiente para que decidisse abandonar o vício.

Adeus às pedras.

Viver sujeito ao tipo de merda que acabara de presenciar não está certo. E pensando friamente, se fazia necessário largar mão de toda a porcaria. Não queria o filho sem pai, crescendo perdido no mundo, além do mais, gostava da mulher. Sentiu-se necessário à família. Precisa-se de muito pouco nessa vida para se passar fome.

De um buraco no muro, sob a luz pardacenta da rua, uma baratinha saiu e voou para a noite. Sufocando um grito, deixou para trás as árvores e a calçada, nos pensamentos a imagem de Murilão disparando a arma contra o próprio ouvido.

A caminho de casa, com o corpo resfriado e os sentidos menos turvos, arquitetava estratégias e buscava justificativas para dar cabo de sua decisão. Nem dez minutos se passaram desde a morte de Murilão, e naquelas alturas, sua carcaça já deveria estar gelada, envolta por uma poça de sangue negro e coagulado. Um belo de um babaca o Murilão. Que se fodesse, ninguém mandou ser um otário. Ele que não seguiria pelo mesmo caminho. Iria parar. Isso era o certo a se fazer. A vida ficaria mais branda e ele não precisaria mais ficar chacando dos outros, porque o dinheiro iria sobrar. Poderia até comprar os caminhõezinhos para o filho.

Quando entrou em casa a carga dopamínica já se dissipara no organismo e o efeito do crack já não era nada além de uma lembrança. O futuro prometia uma vida melhor e isso era justamente o que Murilão nunca mais teria. No quartinho gelado, antes de se deitar ao lado da mulher, sentiu remorso ao contemplar o filho no velho bercinho, que já ficava pequeno. Talvez pudesse ter impedido o comparsa.

A impotência cuspiu-lhe diretamente nos olhos e, amargurado, deu meia volta, deixando a família adormecida para trás. Na cozinha, em cima da pequena e mal sortida geladeira, havia um pires com o Buda sentado sobre várias moedinhas. Apanhou todas e saiu novamente. A mulher consideraria um sacrilégio o Buda ter sido assaltado, mas ele não se importava, porque a fissura era grande demais e os caminhõezinhos do filho poderiam esperar.

Data : 08/02/2017

Título : Indep s Sniper

Categoria: Contos

Descrição: Narrativa. Ficção.

Indep's Sniper

Deixo o poste pra trás com sua base de concreto coberta com a minha urina e me encaminho para a esquina. Do outro lado da rua vem um casal. O rapaz acende um cigarro e o ato ilumina suas faces escuras e sérias, os olhos por certo perdidos na brasa que queima o tubo de papel com tabaco que ele suga. De sua companheira, tirando os cabelos escuros e cacheados presos num rabo de cavalo, nada mais reparo.

Continuo caminhando até alcançar os dois vendedores de churrasquinho com suas churrasqueiras fumacentas. A culpa me assalta ao pensar no momento do abate das criaturas que tem os pedacinhos sendo assados ali, a dois passos de mim. Mas que os terneiros me absolvam, porque acho o cheiro delicioso. Só que me encontro impossibilitado de ingerir qualquer sólido. Um dos motivos é que não tenho muito dinheiro. Se gasto em um espetinho bebo menos cerveja. O outro é que se me atrevo a comer carne assada vomito quando chegar em casa.

Já passei da época em que o vômito é inevitável na privada duvidosa de um barzinho invocado. Mas a má digestão advinda do grande consumo de álcool me incapacita de dormir e, assim sendo, nessas situações me vejo obrigado a enfiar três dedos sujos garganta abaixo pra forçar a goela a expulsar o que tiver dentro de meu estômago defeituoso. Então o churrasquinho não é uma opção.

Enquanto sigo meu caminho penso na dissimulação obstinada a qual me dou o trabalho pra que meu melhor amigo tenha uma noite tranquila ao lado de seu par megalômano. Mas então sou atraído pela conversa de um dos vendedores de espetinhos, “Mas olha isso! Puta que me pariu!”, o mais baixo e mais escuro fala, primeiro se dirigindo para o mais alto e mais gordo e depois olhando pra mim, que acabo de voltar os olhos na direção da conversa. Minha expressão é de curiosidade. O sujeito pergunta “Pode isso?” e fica me olhando, esperando aprovação, eu acho.

Não sei do que ele fala. O baseado que eu fumei antes já não zumbe mais nos meus ouvidos e assim mesmo não entendo do que é que eles tratam. E nem teria como saber, mas entendo a tática.

Nós entendemos.

Eles pretendem me convencer a comprar um ou mais espetinhos puxando papo comigo.

Se ao menos imaginassem o inferno do qual minha mucosa estomacal é o chão, não perderiam tempo.

O mais baixo se abaixa, dobra a cintura e estica o braço na direção do chão. Esse gesto complementa nossa comunicação quando ele pega algo do chão e estende pra mim uma mão com dedos escuros de carvão.

A fumaça com cheiro de sal e gordura queimada me faz querer comer. Mas eu deixei uma Polar quase cheia na mão da Duda e se não me apressar ela toma a melhor parte e deixa menos da metade esquentando no fundo do alumínio suado. Nesse instante me dou conta de que o vômito é uma certeza e de que talvez eu não esteja assim tão preparado pra encarar um acesso de náusea

alcoólica enquanto os DJs tocam Coffee and TV ali no Batatas. Ainda assim, vomitar sem que haja sólidos esôfago acima é melhor do que golfar os tendo no interior do estômago.

“Não tô ligado” eu respondo meio sem jeito, olhando pra um pequeno e disforme objeto cinza escuro. É curioso, porque eu reconheço o diminuto artefato que me é mostrado.

Apesar de meu conhecimento nessa área se basear em um mínimo de estudo amador pela internet, sei que aquilo que o mais baixo dos vendedores de espetinhos segura entre o indicador, o médio e o polegar, é um chumbinho deformado pelo impacto do disparo de uma arma de ar comprimido. Pela circunferência do projétilzinho compactado julgo que ele seja de seis milímetros. Apesar de me considerar amador no quesito mais superficial da balística exterior, eu reconheceria um projétil impactado na maioria das circunstâncias que me fossem apresentadas. Afinal de contas, convenhamos, não é algo tão difícil de reconhecer.

“Atiraram aqui na gente!” reclama o vendedor de espetinhos e eu desprego os olhos do pedaço amassado de metal. É óbvio que atiraram neles, apesar de isso não parecer provável. Não é do costume da sociedade daqui da onde vivo usar armas de pressão de grande calibre pra alvejar pessoas.

Sabe-se que matam muitos animais com tais armas. De gatos a cachorros, passando por passarinhos e os desejados ratos. Por vezes um acidente por mau manuseamento e imperícia. Mas quando se pretende ferir seriamente ou matar um sujeito qualquer, é esperado que um revólver, pistola ou outra arma de fogo seja empregada.

“Imagina se isso acerta o olho de alguém!” segue reclamando o sujeito. O gordo, que é em quem eu reparo agora, tem uma franja sebosa e mantém as mãos nos bolsos e olha pra mim um tanto enviesado. Ele nada diz e eu respondo “Não pode acertar alguém nos olhos mesmo!”.

Fico desconcertado. Há uns três anos atrás presenciei uma tentativa de assassinato a cento e cinquenta metros de onde me encontro agora, envolto na fumaça do churrasquinho. Minha namorada, alguns amigos e eu acompanhávamos um colega nosso até seu apartamento quando um gordão de camisa branca e chinelos de dedo dispara um trinta e oito de cano longo quatro vezes contra sua própria namorada, que lhe impedia de entrar na portaria de um edifício onde ambos dividiam um apartamento. O filho da puta atirava tão mal que dos quatro tiros acertou só dois. Um em cada perna. O que foi o suficiente pra que a menina quase entrasse em estado de choque pela perda de sangue. Um ano depois, a cem metros dos espetinhos, descendo a rua, um guri que fazia internada artística comigo lá no Osório Porto, mais de quinze anos atrás, foi executado no banco do carona de um Vectra dois mil e pouco. Dizem que foi passional. Um amigo meu que estava lá me contou.

Aqui na Indep eu já tive mais de uma vez armas de fogo apontadas pra minha cabeça, como na vez em que a polícia fechou todo o perímetro e um oficial novato, no final de um breve e brando interrogatório e uma revista relaxada, nos pediu que não voltássemos mais pra aquele ponto da rua. Disse que gente como a gente não tinha necessidade de ficar por ali. A cordialidade preguiçosa desse capitão me convenceu menos do que a pistola que ele apontou na minha direção

no começo da abordagem. Gosto de pensar em como seria a atitude dele se chegasse a descobrir o tanto de maconha que era meu e que uma amiga minha tinha enfiado no meio dos peitos quando percebemos o que iria se dar.

Nem meio quilômetro daqui dos churrasquinhos tem tiroteio quase todo sábado. Alguns dizem que a culpa é do preço da cerveja. Skol Beats a um centavo é algo em que a sociedade deve parar pra pensar. Mas eu penso que a culpa é do preço no mercado das armas de fogo. Cada um com seu cada um.

A verdade é que eu dou uma olhada em volta, acima, fazendo minha cabeça descrever um arco lento. Vasculho os edifícios muito altos ao meu redor. Boa parte deles tem as janelas iluminadas, mas a maioria se encontra em trevas. Sacadas compridas totalmente às escuras. Terraços distantes absorvidos pelo negror de uma noite meio nublada que tem lua cheia e que não me permite ver onde há a sombra. Sombra que é produto do concreto armado dos caros apartamentos do centro dessa cidadezinha de província.

A verdade é que em algum lugar tem alguém que esteve disposto a disparar uma arma na direção de uns vendedores de churrasquinho em uma madrugada de quarta feira.

Pergunto-me o porquê de alguém atirar em vendedores de churrasquinho. Penso que talvez o disparo nem tenha sido endereçado a eles. Talvez o pouco vento e a distância da onde o tiro tenha sido dado tenham desviado consideravelmente sua trajetória.

“Isso é uma baita sacanagem!” continua o pobre sujeitinho. “O cara vem pra trabalhar e os loucos ficam aí, avacalhando.” “Isso daí é um chumbinho.” Eu digo, ainda desconcertado, e a palavra chumbinho no contexto de minhas lembranças daquelas imediações parece estar ligada a algo que não pode ser tão ruim assim.

Quando você fala Carabina de ar comprimido as pessoas ligam tais significantes ao significado de Espingardinha de chumbinho. Soa como se fosse um brinquedo. E isso é, no mínimo, um equívoco. Um equívoco perigoso.

Uma arma capaz de disparar o tipo de munição que aquele simplório comerciante de carne assada segura entre os dedos cospe o projétil a mais de duzentos e cinquenta metros por segundo. Não é todo mundo que se dá ao trabalho de pensar no dano que um chumbinho faz em um tomate a uma velocidade bem menor que essa.

O vendedor de espetinho parece considerar minha observação por um instante e concorda. “Tão atirando chumbo aqui na gente.”. Talvez sua concordância não signifique que ele realmente se importe com a minha improvável compra de espetinhos. Talvez esteja realmente assustado ou indignado por ter se tornado um alvo para algum sacana de mau gosto por trás de alguma janela escura. “Baita sacanagem” é só o que consigo responder, e penso que um treco daqueles que ele segura nas mãos pode atravessar o ar a quase trezentos metros por segundo e, dependendo da inclinação, atingir quase meio quilômetro de distância.

O mais assustador numa história dessas é que, além do dinheiro, pra adquirir um engenho capaz disso, é preciso apenas ter 18 anos e um documento que comprove isso.

O vendedor de churrasquinho reclama da possibilidade de alguém ser atingido no olho, mas nós sabemos - é só acessar o youtube - que, apesar de subsônica, aquela porcaria amassada entre os três dedos do cara faria mais do que apenas furar um olho.

Sigo meu caminho pensando em dizer pros vendedores de churrasquinho saírem dali, mas também não dou muita importância. Viver é estar sujeito e o risco a gente assume, seja engolindo a porra de alguém que se conhece faz pouco tempo seja comprando a cocaína que o sujeito que cuida dos carros estacionados na frente do Bradesco te vende.

Chego na frente do Batatas com o atirador em algum lugar. Talvez até esteja me acompanhando, distante, por uma potente luneta. Uma amiga nossa mantém a expressão chorosa e embriagada enquanto um sujeito baixo e loiro monta guarda a seu lado. Não consigo deixar de reparar na cintura descoberta que sustenta seu torso de seios pequenos. Não consigo deixar de imaginar o pescoço dela atingido por um projétil de chumbo calibre seis milímetros, disparado de algum lugar acima de onde estamos. Um rasgo irregular no caso dela ser atingida de raspão. Seu sangue fluindo com vigor, tocando o chão e se tornando negro à medida que a coagulação vai se dando na imundície da calçada ladeada por uma sarjeta úmida repleta de guimbas de cigarro. Paro pra falar com ela, mas o sujeito que monta guarda me intercepta e aperta minha mão, apesar de eu não querer apertar a dele. Mais tarde minha namorada me conta que ele é bicha e deve ter pensado que eu tentava investir sobre uma mocinha chorosa, fragilizada, bêbada e que ele conhece. Talvez ele tenha visto desejo em meu olhar, mas fico contente em saber que tenha agido em favor da menina.

Mas no momento me detenho a apertar uma mão indesejada e me despeço de nossa amiga, que ainda me dá um sorriso muito honesto. A íris de seus olhos verdes realçada pela vermelhidão das escleróticas. Seu pai veio buscá-la e eu começo a beber novamente. Por hora me esqueço do sniper e tiramos algumas selfies. O cheiro de carne assada não é mais sentido. Talvez os dois vendedores de espetinho tenham ido embora, não sei, e também não me importo. A verdade é que me sinto ameaçado, tanto por minha integridade física quanto pela de meus amigos e amados. E saber que eles podem ser feridos me dá vontade de ferir também.

Se eu tivesse uma peça de artilharia e a devida munição, despedaçaria todos os topos dos edifícios adjacentes.

Data : 18/12/2016

Título : Julian 22lr

Categoria: Contos

Descrição: Matar um homem não é como pisar em uma barata. Ou é? Kelly Deal é mais bonita que a Kim Deal? Ele acha que sim. Naquele clip Saints, de

1994, a beleza dela chega a ser perigosa. Ele mataria por um sorriso daqueles. Assim como mataria pelo cabelo pintado de Naná quando a conheceu.

Julian 22lr

Do alto do ginásio, entre o telhado quente de zinco e os caibros que formam a armação da estrutura do teto, Julian se prepara para o tiro.

A distância entre a escola de samba e o local que ele se posicionou para atirar contra a cabeça do delegado chefe da polícia civil é de duzentos e quatorze metros.

Julian sabe que se houve erro nessa metragem, o erro é muito pequeno. Três ou quatro metros para frente ou para trás, no máximo. Isso ele conclui pelo tamanho das casas e das pessoas que vê através da luneta 4x20 acoplada à sua carabina, carregada com dez cartuchos calibre 22lr de alta velocidade.

Dias antes aquela conversa no bar. Sabendo que matou, dignado a salvar a vida da esposa colocando a própria em risco:

- Esvaziei seis carregadores contra os pelotões que invadiram o CH. Daquela primeira vez.

- Tu alvejou quatorze policiais do BOE. - Afirma Dario.

- Matei oito. - Responde Julian.

- Ficaram com medo de ti. - E essa é uma realidade que Dario faz questão de citar. – Continua: - Mas jornal algum vai contar que o Batalhão de Operações Especiais recuou porque um atirador que eles não sabiam onde estava os colocou de joelhos. Essa nossa mídia escrota distorce tudo. O que se negocia em Solidão se negocia à bala e a sociedade não pode fazer nada.

- A não ser matar ou morrer. - Redargui Julian.

-Já chamam os que matam de rebeldes. - Diz Dario, acendendo um cigarro.

- A polícia que se converta. – Julian toma um gole da cerveja que o sujeito que veio com Dario comprou. Olha para os lados, desconfiado.

- Só parte dela, porque os rebeldes morrem em maior número. E qualquer imbecil prefere ficar do lado que perde menos. – Dario não parece desconfiado. – Isso nos faz mais imbecis que imaginamos que somos. – Também toma um gole de cerveja.

- Mas aqueles policiais que não se converteram estão sendo enterrados. – Responde Julian, distraído, pensando em qual seria o modelo da pistola que Dario carrega no coldre de axila, por baixo da jaqueta leve que veste. Ele próprio deveria estar carregando uma pistola.

- É que existem atiradores como tu. – O tom vago de lisonja que Dario emprega não chama a atenção de Julian e ele justifica vagamente também:

- Fui jogado de encontro ao gatilho. Haviam matado seis pessoas lá do CH quando me decidi pela minha carabina.

- Conhecia todos? - Pergunta Dario.

- Alguns só de vista. - Responde Julian. E prossegue: - Mas não foi por saber quem eram, nem porque foi lá no CH. Se deixássemos isso assim se tornaria comum. Seria só uma questão de tempo pra baterem na porta do meu apartamento e me arrastarem pra cadeia, ou arrastarem minha mulher. – Dario pousa o olhar sobre a mesa vermelha de plástico, onde centenas de rabiscos feitos por chaves e facas anunciam nomes, apelidos, datas e números de telefone.

- Ou pra alguma estrada rural pra encherem vocês de chumbo. – Em resposta Julian apenas ergue os olhos na direção dos de Dario. Ambos tratam dos mesmos assuntos.

Por alguns instantes ninguém diz nada.

- É a melhor forma? – Julian pergunta.

Dario olha para a mesa riscada de plástico do bar, levanta a garrafa de dentro do porta garrafas térmico, constata que dentro do recipiente de vidro verde não resta nada além de espuma e dá de ombros:

- Não sei. - Responde. - Foi tu quem tomou a iniciativa. Venho atrás de ti em busca de auxílio. - Agora Julian não discerne tão claramente a bajulação na voz de Dario. É como se ele falasse a verdade. – Saímos os dois em vantagem. – Prossegue. - Querem tanto a minha cabeça quanto a tua.

- Qual é a tua participação até agora no movimento? Além de aliciar possíveis guerrilheiros novatos? - Julian tenta camuflar o tom de brincadeira de sua pergunta.

Dario esperava não precisar tocar no seu papel direto naquilo que vem acontecendo em Solidão, mas no caso que se desenvolveu na mesa do bar não houve uma saída que não o comprometesse. Se ele vem a um homem e pede que esse homem mate alguém em nome de uma suposta revolta civil, só lhe resta ser convincente no que diz respeito à suas próprias ações. Dario opta pela verdade.

- Eu explodi a reitoria da US. – Responde a Julian.

Mais uma garrafa de Heineken chega à mesa pelas mãos do sujeito que veio com Dario e que até agora não disse nada. Julian olha nos olhos de Dario por dois, três segundos. Atesta a veracidade daquela informação e acena com a cabeça uma vez, o queixo barbado descendo e subindo.

Depois dessa conversa, na noite seguinte, no esconderijo que já abriga sua esposa, um banquete o aguarda como forma de agradecimento por seus esforços pelo movimento revolucionário.

Na manhã seguinte à noite do churrasco, em uma quitinete a cem metros do shopping Bela Cidade, analisa imagens fotográficas e vídeos que exibem o homem que é seu alvo. Próximo ao meio dia passa a ter instruções detalhadas sobre a operação que acontecerá dali algumas horas. Estuda a planta do ginásio de esportes que irá lhe servir de base para os disparos que irá efetuar contra o chefe da polícia civil de Solidão e é informado de que não haverá pausa para o almoço. Em compensação, durante a explanação sobre o posicionamento que irá tomar no alto do ginásio, uma moça de não mais de vinte anos, de cabelo

longo e muito escuro entra na sala e lhe pergunta se ele precisa ou deseja alguma droga para lhe alterar a percepção exterior ao ponto de favorecer seu ataque ao chefe de polícia.

- Se tiver sono dispomos de estimulantes como cocaína. Ou se tu te sentir muito nervoso te trago um diazepam.

Julian fita o rosto da moça onde apenas os olhos lhe sorriem e pede se pode tomar apenas uma xícara de café.

- Claro. – Ela lhe responde, aparentemente satisfeita com a escolha e Julian, pensando na Sniper Wolf do Metal Gear do PS1, fica a ouvir o tom monocórdico de Dario, que explica como o suporte de tiro, que ele irá ocupar, foi montado. Poucos minutos depois a moça retorna com uma xícara de café. Julian a encara com um sorriso simpático em agradecimento. Da parte dela apenas os olhos, mais uma vez, lhe sorriem.

Uma hora depois Julian recebe um colete de Kevlar contendo placas balísticas nas costas e no peito, além de uma Glock de quarta geração em seu respectivo coldre mais três carregadores com dezessete projéteis cada um. Em seguida é encaminhado para o ginásio poliesportivo.

Agora a carabina negra e lustrosa como um coturno bem engraxado jaz em suas mãos, pronta para disparar.

Confere o relógio analógico que carrega no pulso e calcula que ainda lhe resta tempo para um último cigarro antes da ação.

Abaixando a cabeça e se afastando o máximo que consegue da abertura do teto inclinado do ginásio, acende seu cigarro tomando o cuidado para que qualquer sinal maior de luminosidade não seja detectado por qualquer um que passe na rua adiante. Quando traga, o faz com a cabeça curvada para baixo, tampando o brilho avermelhado da brasa com a palma da mão. Não é a forma mais satisfatória de fumar, mas ele prefere assim a não fumar.

A mais de duzentos metros, seguindo pela avenida paralela ao ginásio, se encontra a escola de samba Unidos da VL, que no momento vai recebendo um número considerável de participantes e espectadores do ensaio do samba enredo e da bateria.

Enquanto fuma, Julian pensa que, por mais que possa se considerar um excelente atirador, a missão que tem pela frente possui um contexto absurdamente diferente daquele que existe em um estande de tiro ou mesmo daquele que viveu nas ruas do CH, quando um grupo compacto de policiais avançou em linha reta, como tratores humanos, sem cobertura ou qualquer obstrução para os projéteis que ele, a cento e cinquenta metros de distância, lhes disparou.

Do alto do ginásio, enquanto o cigarro queima, ele repassa mentalmente as instruções de como o ataque irá se dar. O homem que deve alvejar sairá de um carro, passará entre uma pequena multidão que certamente irá cumprimenta-lo a cada passo que dá, e, se Julian falhar, subirá um curto lance de escadas e entrará na sede da escola. Ele deve atirar nesse homem nesse curto espaço de tempo, antes que ele entre na Unidos. De preferência um disparo do torso para cima. Se possível, um segundo disparo. Para se certificar.

Dario havia lhe mostrado o local onde, provavelmente, o carro do chefe seria estacionado.

Uma vaga privilegiada marcada com dois cones laranja.

Como amante do carnaval e grande patrocinador dos eventos ligados à cultura social de Solidão, principalmente no que se refere à negritude da cidade, o homem merece poder ir ao ensaio tranquilamente, sem precisar se preocupar em encontrar um estacionamento próximo à escola. Assim é que pensam os organizadores e diretores do carnaval.

Assim sendo, Julian colocará o retículo de sua luneta próximo ao meio da rua asfaltada, esperando que a informação de Dario esteja correta.

Tomando o cuidado para que a fumaça do seu Marlboro vermelho não saia pela abertura por onde observa a avenida asfaltada, teme errar devido à quantidade de gente que vê se aglomerando no local. A possibilidade de seu alvo ser coberto por outra pessoa ou por algum veículo que passe, no momento crucial, é o que faz com que nem sinta a fumaça inalada descer pela traqueia, inundando seus pulmões.

A possibilidade de o público atrapalhar o disparo foi discutida entre ele e Dario e a conclusão encontrada lhes disse que o fator determinante seria a perícia de Julian e nada mais. Sorte é uma nulidade nessa questão.

Com o cigarro pela metade no canto da boca, puxa as hastes do bipé que a carabina sustenta próximas da base do cano. Posiciona o bipé da arma no saco de areia que está em cima da viga de madeira que lhe serve de apoio e encosta a coronha de polipropileno preto fosco de encontro à bochecha. A soleira de borracha toca a parte macia do ombro do rapaz e seu olho busca o foco nas lentes da luneta.

A duzentos e dezessete metros de sua posição, antes de a Avenida General Osório começar seu aclave em direção ao centro de Solidão, de frente à entrada da escola de Samba, Julian encontra a vaga de carro destinada a seu alvo. Ali o automóvel, um Golf preto, modelo 2015, será estacionado e da porta do motorista Volmir Bairros irá desembarcar, trajando a camiseta verde e branca da Unidos da VL.

O centro do retículo da luneta repousa em uma marcação de tinta amarela sobre o asfalto. Julian observa a movimentação e repensa, com desconforto e insegurança, sobre o tamanho da cabeça de uma pessoa, mesmo com o auxílio de um dispositivo óptico, naquela distância. Tão grande quanto uma cabeça de alfinete.

Com a arma descansando sobre seu apoio, ele endireita as costas dando as últimas tragadas no cigarro enquanto destrava o mecanismo de disparo. Lembra-se da mulher que o aguarda em uma casa que não é a sua, cercada de gente que não conhece, e que agora se encontra casada com um atirador medroso, que age mais por insistência do que por convicção e se dá conta, de uma maneira curiosamente súbita, de que não é nela que deve pensar agora. O semblante da esposa é perigoso quando um homem deve matar outro homem. Imaginá-la morta como represália ao assassinato do chefe de polícia é assustador. Estar assustado agora é a pior coisa que pode fazer por Naná e por si mesmo.

Espreme a bituca acesa contra uma viga próxima, observando, sem ver, os diminutos fragmentos de brasa incandescente que vão de encontro ao distante chão do ginásio e retendo a fumaça azulada nos pulmões olha para o relógio e aproxima, novamente, o olho da luneta.

Passa cerca de seis, sete minutos observando o pessoal que chega até a escola. Uma profusão de jovens e adultos uniformizados, carregando tarolas, surdos e caixetas, conversando alto e gesticulando demasiadamente enquanto um boteco ao lado vende garrafas e mais garrafas de cerveja que é consumida quase com sofreguidão, no calor do verão, em copos plásticos frágeis e transparentes. Apesar da tarde já avançada, a temperatura anda pela casa dos vinte e oito graus e o horário não favorece em nada Julian, que não poderá se dar ao luxo de, caso não venha a disparar assim que o homem sair de seu carro, esperar seu retorno após o ensaio, já que nesse tempo não haverá mais luminosidade solar suficiente que lhe permita enxergar de forma adequada a movimentação da rua.

Sente vontade de tomar cerveja gelada ao ver toda aquela gente lá adiante. A primeira coisa que fará, quando aquilo tudo tiver terminado, será beber uma cerveja quase no ponto de congelamento.

Um pigarro dolorido irrompe em sua garganta ressequida.

Depois de matar o homem.

O receio o assalta quando sente uma culpa infundada ao se imaginar, depois de cometer mais um assassinato, em companhia da esposa tomando uma cerveja gelada. Não que ele seja ingênuo o suficiente para não acreditar nesse tipo de conduta. A raça humana já promoveu inúmeras vezes lautos banquetes e incomensuráveis bebedeiras em comemoração à derrota de inimigos. Mas, apesar de saber o que significa a morte de Volmir, ele não o considera seu inimigo. Ele nunca vira o sujeito pessoalmente, e, mesmo assim, por relatos de terceiros e boatos tão importantes como folhas ao vento, ele acabou acreditando que o sujeito tinha mais importância para a população de Solidão estando morto. Segundo Dario, isso faria com que as autoridades pensassem de forma mais racional na próxima vez que tentassem reprimir a revolução.

Julian também não é ingênuo o suficiente para acreditar nas palavras de Dario.

Se lhe fosse possível, voltaria atrás. Diria não a Dario e abandonaria a empreitada. Matar um homem daquela forma, distante e escondido, quase covardemente, não era direito. Quando enfrentou o BOE, os soldados vinham em formação compacta, armados, com uma parede de escudos os protegendo, passando por cima daqueles que lhes impunham resistência com chumbo e gás lacrimogênio. Mas agora ele irá atacar alguém que não ataca ninguém. Alguém que apenas pretende se divertir em um ensaio de escola de samba. Alguém desarmado que pretende apenas tomar algumas cervejas e, quem sabe, dar um ou dois tecos em uma ou duas linhas de cocaína.

Mas do alto de sua posição não parece existir possibilidades de retorno.

E se sentindo culpado mais uma vez por não se sentir capaz de simplesmente abandonar o posto e sair dali, deixando para trás o futuro possível cadáver, sua visão alcança a imagem magnificada do carro de Volmir que se aproxima suavemente pela General Osório.

Uma taquicardia repentina faz com que sinta de maneira desconfortável o coração dentro do peito e o suor repentino das mãos começa a umedecer a coronha da carabina.

Como detesta sentir medo por algo que tem de fazer.

O medo é o mesmo, as circunstâncias é que mudaram.

Como daquela vez, quando se declarou à Naná.

Aquela viscosidade morna enquanto aperta as mãos nos instantes em que tenta dizer a ela o quanto se sente atraído por um sorriso, por um chumaço de cabelos vermelhos pintados, sob a luz de um outdoor que ilumina o suficiente para fazer um bem-te-vi agir como se fosse dia.

O mesmo medo. Fontes distintas. Ao declarar-se à mulher que ama e estar prestes a matar alguém seu coração se comporta da mesma maneira.

Julian gostaria de sentir raiva ao invés de frustração.

A primeira solução para a ansiedade crescente seria acender mais um cigarro, entretanto, os anos de tiro esportivo o haviam ensinado que, infelizmente, o cigarro prejudica o fôlego do atirador, e uma respiração suave é fator decisivo entre o erro e o acerto.

Bons tempos em que ele, um gurizinho mirrado de pulmões rosados respirava suavemente sem que precisasse se concentrar muito para tanto. Seu pai também acertava, mas precisava inspirar e expirar muito mais que ele, na tenra idade de nove anos. O velho fumava, e agora Julian é fumante também. Haveria de inspirar e expirar profundamente, algumas vezes, até estabilizar a mira. O problema é que, agora que o carro estaciona em sua vaga particular, ele possui pouquíssimo tempo para o exercício de respiração.

De novo a culpa ao constatar o erro que consiste em ter esquecido uma das necessidades básicas do tiro de precisão: Respirar de forma adequada antes de atirar.

Inspira profundamente.

O carro estaciona próximo à vaga.

Expira longamente.

O volante do automóvel muda à direção das rodas e a marcha à ré é engatada no câmbio.

Julian puxa o oxigênio mais uma vez, profundamente.

O Golf manobra para dentro do espaço que lhe é conferido, sua parte traseira em sentido diagonal se aproxima do carro que ocupa a vaga de trás da sua.

O ar deixa os pulmões de Julian em um longo e suave sopro.

O retículo da carabina diminui sua instabilidade.

O automóvel de Volmir se endireita na vaga.

Julian segue com o exercício de respiração, esforçando-se para manter sua concentração focada apenas nesse simples ato.

O dedo no gatilho.

Na frente da escola quatro rapazes começam a batucar em seus instrumentos. As batidas abafadas do surdo alcançam os tímpanos de Julian. Uma tarola acompanha o grande bumbo em seguida, buscando o ritmo das batidas marcadas pelo sujeito que iniciou a batucada.

O automóvel de Volmir para de manobrar e a chave é girada na ignição, desligando-o. Dois homens começam a atravessar a rua, em direção ao Golf preto.

O delegado será recepcionado.

Julian inspira e sente que a taquicardia já não o faz vibrar como há instantes atrás. Não está calmo como gostaria de estar, mas crê que ninguém manteria a calma em uma ocasião semelhante aquela. Ele não faz ideia da pessoa que irá ser quando a guerra grassar por Solidão.

Matar um homem não é como pisar em uma barata. Ou é? Kelly Deal é mais bonita que a Kim Deal? Ele acha que sim. Naquele clip Saints, de 1994, a beleza dela chega a ser perigosa. Ele mataria por um sorriso daqueles. Assim como mataria pelo cabelo pintado de Naná quando a conheceu.

Ele vê a porta do carro entreabrir-se, mas o sujeito não aparece. Os dois homens alcançam o outro lado da rua e, sorridentes, estendem as mãos para o interior do veículo, saudando Volmir.

O olho de Julian está travado na cruz da luneta, no ponto em que a cabeça de seu alvo atingirá assim que deixar o carro.

Por algum tempo nada acontece.

Os homens se mantêm ao lado da porta semiaberta, sorrindo e gesticulando. Um deles alcança um copo de cerveja para o ocupante do carro e Julian observa quando o recipiente plástico retorna às mãos do sujeito instantes depois, já vazio. A mão que o alcança carrega no punho uma pulseira ou um relógio dourado que Julian não enxerga naquela distância a não ser por um fugaz lampejo da luz sobre o objeto.

Ouro. Talvez tenha valor. Talvez seja falsificado. Talvez seja latão.

Julian se mantém concentrado na respiração e a farta oxigenação em seu sangue o deixa relaxado quase que satisfatoriamente.

Mais alguém, do outro lado da rua, decide ir até o carro do chefe de polícia e Julian cogita a possibilidade de errar o disparo e acabar com a vida de alguém que nada tem a ver com aquilo.

Mantém a mira firme e a instabilidade do retículo já é mínima quando o delegado finalmente se levanta.

Julian confirma sua aparência recordando das fotos e gravações.

Quem acaba de fechar a porta do carro atrás de si é o chefe da polícia civil de Solidão, que cumprimenta a terceira pessoa que chega até o carro. É uma mulher, pesada e atarracada, que recebe um breve abraço entre uma risada e uma expressão de alegria por parte do delegado, que apanha o seu segundo copo de cerveja do mesmo homem de antes. Os quatro se voltam na direção da escola de samba fazendo menção de atravessar a rua.

Quando Volmir, no centro do grupo, dá o primeiro passo no asfalto da Avenida General Osório, Julian, no final de uma expiração, puxa o gatilho usando a metade da última falange de seu indicador.

A carabina dá um coice firme em direção ao seu ombro, que absorve o impacto, e o projétil de ponta oca deixa o cano da arma a uma velocidade de quase quatrocentos e cinquenta metros por segundo. Não há estampido. A detonação da pólvora é silenciada em sua grande maioria pelo supressor de som acoplado ao cano da carabina. O que se pode escutar é somente a assinatura supersônica da bala cortando a atmosfera durante o percurso que realiza até atingir o alvo. Nenhuma das pessoas lá adiante ouve o que quer que seja. Os instrumentos de percussão falam mais alto que o projétil de chumbo.

Volmir é atingido na lateral do torso, acima do mamilo direito, e parece não se dar conta do que acaba de lhe ocorrer nos instantes seguintes, pois segue caminhando, mais dois ou três passos, quando uma repentina expressão de surpresa se forma em seus lábios e testa. Sentiu uma espécie de cutucão quando a bala entrou em seu corpo, e, como para espantar algum inseto indesejado, dá um rápido safanão na altura do peito onde acaba de ser alvejado. É aí que se dá conta do círculo irregular e escarlate que surge na camisa que veste. Coloca a mão em cima da ferida e esfrega os dedos no sangue que escorre pelo pequeno orifício. Nenhum dos seus acompanhantes percebe o que se passa.

O delegado faz alto no meio da rua e tenta tirar a camisa.

Quando Volmir deixa cair no chão o copo, o homem da cerveja lhe pergunta alguma coisa, esticando um braço em sua direção.

O segundo disparo acerta um pouco acima da têmpora direita do delegado. O projétil se fragmenta dentro de seu crânio e um estilhaço sai pelo outro lado de sua cabeça.

Volmir imediatamente cai sobre os joelhos e então desaba com o rosto contra o chão. O sangue escorre pelo asfalto e em poucos segundos uma poça começa a se formar. O pessoal da bateria continua a batucar e novamente o silvo supersônico do segundo disparo de Julian não é detectado por ninguém.

O que Volmir foi durante sua vida escorre pelo asfalto à semelhança de seu sangue, e em instantes a dor que jamais sentiu termina.

Do alto do ginásio, Julian vê o momento em que o primeiro disparo atinge o alvo. O impacto da bala contra a carne do corpo de Volmir faz a camisa que o sujeito veste drapejar uma única vez, em um movimento brusco e circular de onda. Esse projétil passa de raspão pelo coração de Volmir, causando nele uma pequena lesão, mas não o impedindo de seguir batendo. No restante de sua trajetória termina se partindo em vários pedaços, ao se chocar contra uma das costelas de sua caixa torácica.

Com pressa, Julian mira em um ponto a frente do homem alvejado assim que se dá conta de que ele continua caminhando. Com um pequeno movimento do cano da arma e tendo o cuidado de fazer a mira um tanto mais para cima, espera que o delegado atinja um ponto abaixo de onde o centro do retículo da luneta marca.

Volmir estaca antes de seguir em direção à sede da Unidas da VL. Quando tenta tirar a camisa para verificar o que é aquele sangue que começa a abandonar seu corpo, Julian pressiona o gatilho uma segunda vez. Um momento depois, apenas o tempo suficiente para que a bala alcance a cabeça do homem, o delegado cai. Julian desgruda o olho da luneta e mete a mão no bolso em busca do celular que Dario havia lhe dado.

Da boca do supressor e da janela de ejeção dos cartuchos vazios, um fugaz rastro de fumaça clara se espalha pelo ar. Duas cápsulas douradas de latão reluzem no chão do ginásio com a pouca luz que resta do dia.

Enquanto disca o número combinado pensa que o certo a se fazer agora é tomar doze latas de cerveja de uma vez só. Uma na sequência da outra.

É exatamente isso que irá fazer depois de sair dali, quando já estiver com a esposa.

Mas naquele exato momento, tudo o que Julian precisa fazer é acender outro cigarro.

Data : 16/08/2016

Título : O tenente

Categoria: Contos

O tenente

Com as mãos amarradas às costas, o primeiro tenente avança através da pequena multidão que o espera do lado de fora do velho quartel. Homens, mulheres, velhos e crianças olham em sua direção no momento em que cruza o umbral da porta.

O tenente é recebido com berros de provocação e impropérios, enquanto cuspe e pedras atingem seu rosto e peito, antes que possa dar cinco passos em direção ao seu destino naquela manhã: Um muro descascado e roído pelo tempo e pelas balas.

O sol das dez horas encontra-se quente o suficiente para que o desconforto que lhe atormenta, dentro de seus trajes imundos, apenas aumente. O tenente gostaria de ter feito a barba e trocado a roupa, mesmo sabendo que isso não o ajudará muito, em termos de bem estar.

Como sentir-se melhor depois dos fatos vividos nas últimas vinte e poucas horas?

O Tenente não vê uma resposta satisfatória para a questão.

Foi capturado pelo inimigo quando se encontrava prestes a realizar mais um estupro, entre tantos que já havia realizado, e a verdade, para sua vergonha, era

que a beleza da garota em questão o fez descuidado. Sua falta de cautela e sua inépcia em combate cobriam seu preço, agora. Tudo isso constitui uma realidade que ele faria questão de omitir, caso alguém viesse lhe perguntar sobre os fatos que culminaram em sua captura.

O oficial, em pensamentos nebulosos, amaldiçoa os atiradores que o encurralaram e o colocaram naquela situação. Ainda sob os xingamentos mais baixos ele se aproxima do Muro do Fuzil, como é chamada a rota estrutura de cimento e tijolos onde são executados, sumariamente, todos os inimigos da revolução.

No dia anterior, enquanto comandava seu pelotão entre as ruínas de um bairro de Solidão, que foi praticamente pulverizado por um bombardeio, durante uma patrulha de reconhecimento, o tenente pensou ter visto algum movimento por entre as paredes desmoronantes de algo que, em um passado não muito distante, havia sido uma casa.

Com a mão erguida deu ordem de “Alto!” à patrulha e fez com que seus soldados cercassem a construção chamuscada, que exibia em sua fachada um negrume esfumaçado subindo pelas paredes carcomidas, denunciando exatamente o impacto de um projétil incendiário.

O oficial receava um contra-ataque naquela região da cidade, apesar de duvidar que ainda restassem muitos indivíduos dispostos a lutar depois da chuva de bombas do dia anterior, que assolou o CH e arredores por mais de cinco horas.

Em outros poucos momentos de sua vida estivera tão errado como quando acreditou nas próprias conclusões.

Houve uma resistência feroz e incontida, mas o tenente só começou a se dar conta disso após entrar naquela construção que haviam cercado. De qualquer forma, ele não viverá para ver o quão persistente e cruel essa resistência será.

Assim, carregado de conclusões precipitadas, o tenente seguiu o protocolo que ordenava a inspeção de qualquer local suspeito e aquilo que se assemelhava a uma casa apenas pelas paredes estoicas, que teimaram em resistir às bombas, foi cercado.

Invadiram o local sorrateiramente pelas janelas e, percorrendo uns poucos cômodos carbonizados, encontraram uma garota de no máximo vinte anos tentando se esconder por detrás de uma pilha de entulho queimado. O próprio Scarmiglione, das valas cheias de piche fervente, não sorria tão prazerosamente quanto o tenente, como quando contemplou aquela beleza assustada, que vestia um pobre vestido verde estampado.

Não dando qualquer importância para a possibilidade de emboscadas por parte da Resistência, o tenente avança em direção à moça, agarrando-a pelo pescoço e arrastando-a alguns passos em uma direção qualquer, enquanto percorre com os olhos febris os aposentos desertos, à procura de algum móvel ou coisa que o valesse, onde pudesse jogá-la em cima e violentá-la.

Ela resiste, guinchando, não conseguindo gritar devido à pressão da mão ao redor de sua frágil garganta, cambaleando e sendo puxada para outra peça, onde, estranhamente, uma mesa ressequida pelo calor das chamas extintas se encontra quase no centro do cômodo.

Comemorando íntima e lascivamente a descoberta, o tenente puxa a garota para muito perto de si e lhe examina as feições.

Encanta-se.

A tez muito pálida da menina contrasta com um par de olhos verde esmeralda, e ao segurar-lhe firmemente pela nuca, agora com a outra mão, o tenente sente o toque de seda daqueles cabelos que nem a imundície da guerra conseguiu destruir.

A empurra até a mesa. Entre passos pesados e decididos rasga-lhe uma das alças do vestido verde.

Um seio pequeno e firme aparece para em seguida desaparecer por detrás de uma mão magra que o tenta esconder.

Cego por um desejo primitivo, vulgar e feroz, o tenente oprime a garota contra a mesa. Ela, debilmente, tenta em vão livrar-se de suas mãos grosseiras, enquanto os demais soldados aproximam-se, soltando as presilhas de seus cintos e largando seus fuzis no chão.

Todos sorriem enquanto o oficial comandante tenta separar-lhe as pernas.

Um dos soldados, sem perceber, passa a língua pelos lábios, liberando a ansiedade que o ato sexual forçado lhe provoca. Crê se preparar para a sua vez por cima daquele corpo.

A moça esperneia e sufoca, enquanto a mão do militar tenta lhe arrancar a calcinha. Em uma primeira tentativa acaba falhando. A moça, em um frenesi cheio de angústia, chuta o ar, apesar de toda a força que lhe é aplicada em volta do pescoço.

Pensa em mudar de estratégia. Irá surrá-la até que não apresente mais resistência.

Solta o pescoço da garota, que berra furiosamente para todos. Prepara o punho. Deseja lhe acertar o rosto na altura do olho direito.

Ergue a mão e ouve com um desagrado inconsciente três baques secos ecoando ao seu redor. Por menos de um segundo paralisa totalmente, a mão ainda erguida, ao sentir a vibração do ar agitar-lhe os tímpanos. Sabe muito bem o que aquele som significa. Um instante depois ouve os silvos terríveis que denunciam e acompanham, fatalmente, todo e qualquer projétil supersônico.

Nenhum dos três homens sob seu comando, que caem quase simultaneamente à sua volta, emite qualquer som a não ser aquele que seus corpos fazem ao baterem contra o chão.

Ainda imóvel, olhando fixamente para o rosto daquela jovem assustada que soluça e puxa a calcinha pernas acima, o tenente nada pode fazer para impedi-la de afastar-se de seus braços. Limita-se a observa-la deslizar por sobre a mesa e correr para os fundos da peça onde, entre uma nuvem de perplexidade, divisa uma porta desconjuntada, no lado esquerdo de um corredor, enquanto escuta, com assombrosa nitidez, o som dos pés descalços da menina batendo apressadamente sobre o chão enegrecido e coberto de cinzas.

O soldado sobrevivente tenta, de forma um tanto ineficaz, contra atacar. De uma das janelas dispara quase dez tiros totalmente a esmo, enquanto o tenente tenta raciocinar sobre o que acaba de acontecer.

A moça escapulira-se entre seus dedos, três homens jazem mortos ao seu redor e ele ainda está com as calças arriadas, sem sequer lembrar-se de como havia desafivelado o cinto.

Ele e os sobreviventes do ataque em andamento precisam se proteger. Tentando escapar da morte iminente, o tenente, que ainda não fechou o zíper de sua calça, junto ao segundo sargento de seu pelotão, - um homem de baixa estatura chamado Melitz – correm em direção da porta por onde a garota acaba de entrar. Imaginam ser possível escapar daquela emboscada por alguma janela existente por trás daquela porta.

A surpresa do ataque os desorientou ao ponto de fazer com que vissem a fuga como a melhor opção naquelas circunstâncias. Ambos tomariam mortos ou agonizantes nos próximos instantes se não conseguissem escapar ou encontrar uma forma de se protegerem.

Quando Melitz toca na maçaneta que a menina acabara de girar, o tenente acredita ter fechado o zíper da calça. Antes do clique metálico da lingueta da porta ser ouvido, uma descarga de chumbo atravessa a madeira da porta, lançando seu puxador destroçado contra o peito do sargento, desenhando algo semelhante a um círculo deformado na parede oposta, onde as diminutas esferas de metal se enterram.

Os homens mal tem tempo de compreender o que ocorre.

Antes que tomem qualquer iniciativa, a espingarda atrás da porta dispara novamente, e seguindo o trovejar desse segundo tiro, o sargento é arremessado de encontro à parede, como quem leva um grande susto, e desaba desajeitado aos pés do tenente. A carga da espingarda o atingiu na barriga.

Do outro cômodo mais um zumbido e mais um baque seco da bala contra a carne do próximo soldado que é eliminado. Frustrado e assustado, o tenente olha na direção do último de seus homens, que contra atacava os revolucionários e pôde ver somente uma nuvem avermelhada de sangue espalhar-se no ar, como um grande borrifo, enquanto a parede do outro lado fica polvilhada de massa encefálica. O tiro do fuzil, na cabeça do soldado, causa aproximadamente o mesmo efeito que um rojão causa se for enterrado e detonado no centro de um melão.

Paralisado pelo medo, o tenente vê a porta que Melitz pretendia abrir ser arrombada com um pontapé, enquanto sua calça escorrega por suas pernas e suas mãos tentam detê-la. Seu cinto de alguma forma não havia sido devidamente afivelado.

Desequilibra-se e cai apoiando-se nas mãos e nos joelhos, como se estivesse prestes a sair de gatinhas. Levanta a cabeça apressado e, de dentro do quarto para onde a moça havia fugido uma figura vestindo uma farda esfarrapada e suja de pó de concreto surge. Traz na cabeça o que a seu ver parece ser um grande lenço negro todo enrolado, que deixa a vista apenas um par de olhos selvagens, injetados de sangue. Nas mãos esguias, cobertas de ferimentos, traz um fuzil belga equipado com luneta. O fuzil é apontado exatamente para o seu rosto.

Aquela criatura ordena que deite e coloque as mãos na cabeça. A voz é de mulher. Não, mulher não, quase isso. A voz é de menina, mas soa em seus ouvidos como se fosse um tiro, tamanha a rispidez e violência com que lhe dirige a palavra.

O tenente, ainda desorientado, não entende de imediato a ordem que lhe é dada e tenta puxar as calças, ainda de quatro. Um equívoco que lhe custa dois dentes quebrados, pois por detrás da figura mascarada já se encontra o portador da espingarda, que ao perceber seu desajeitado movimento lhe desfere um violento pontapé no queixo.

Dois choques. O primeiro do chute e o segundo de sua cabeça batendo contra o chão. Na sequência, além de algumas ordens, o silêncio da tarde calcinante retorna. Em sua cabeça um zumbido surdo ecoa, distribuindo contínuas ondas de dor por todo seu crânio.

Não vê nada. Mantém os olhos fechados com o máximo de força que consegue, como se assim lhe fosse possível fazer a dor diminuir. Sons de passos, escuridão e entre as outras a voz de seu sargento, chorosa, cheia de dor e agonia. O infeliz não tivera a sorte de morrer rapidamente, o que é esperado em casos onde se é alvejado nas entranhas.

Se mantém retorcido no chão por mais um minuto talvez, sem ousar abrir os olhos e ouvindo o sargento choramingar. Entre a realidade fora de suas pálpebras cerradas e as trevas de sua visão propositalmente obliterada, sua cabeça inteira é um palácio de dor que rapidamente se incorpora ao pior tipo de náusea que jamais sentira. Sente o estômago dobrar-se e a bÍlis subir-lhe esôfago acima, um som gutural se desprende de sua garganta e uma golfada de vômito ensanguentado é lançada ao chão, deixando um rastro brilhante e pegajoso em seu queixo. Contorce desgraçadamente o corpo no asfalto quente e ouve debilmente, com grossas lágrimas descendo-lhe pelas faces, Melitz começar a gritar.

Apesar da aflição que isso lhe custou, abre os olhos e de relance avista o companheiro sendo arrastado para fora da casa destruída. Melitz é puxado pelos cabelos.

Uma mão surge à sua frente e também o segura do mesmo modo. É arrastado por alguém forte, grande e certamente muito apressado, pois tem a impressão de percorrer um caminho demasiadamente longo em pouquíssimo tempo, enquanto é rebocado pela cabeça.

Não oferece resistência. Encontra-se muito zozzo para tanto, e a dor no maxilar, na testa e têmporas é infernalmente forte para impedir-lhe de tomar qualquer atitude mais complexa do que gemer. É jogado desdenhosamente no chão da rua, ao lado do sargento que agora pede, inconcebivelmente, por um médico.

Conversas ao seu redor. Entende e fala bem o português. Eles seriam levados dali.

Com um esforço sobre-humano, gira a cabeça na direção do ferido. Mais vômito sobe-lhe pela garganta, enquanto os ossos e músculos de seu pescoço protestam violentamente contra aquele movimento. O homem sangra como um porco que houvesse levado uma estocada no coração e, aparentemente, grunhe como um.

O desafortunado sargento sangrou por todo o caminho, desde que saíra do interior das ruínas da casa. O rastro que deixou atrás de si diz ao tenente que, se não o matarem em breve, a perda de sangue o fará, e observando o quase morto em uma espécie de delírio causado pela dor, constata o estrago que o chumbo fez em sua barriga.

Lamenta a sorte do colega e, depois de perceber que a certa distância um tiroteio começa, apesar da dificuldade que ainda sente para raciocinar claramente, se dá conta de que não fora o único que caíra em uma emboscada.

Naquele momento, provavelmente seu acampamento, que não se encontra muito distante dali, está sendo atacado.

Enquanto as armas, munições e todo o equipamento que pode ser aproveitado são retirados dos mortos por um pequeno grupo de guerrilheiros apressados, o sargento Melitz segue se lamentando para todos que podem ouvi-lo.

De súbito, da forma como menos deseja ser auxiliado, lhe atendem as súplicas. Decidem executá-lo ali mesmo.

- Termina com aquele ali. – A ordem é dada pela atiradora com o lenço cobrindo a cabeça.

A mesma voz de menina que ouvira antes, autoritária e arrogante.

Surpreende-se ao constatar que aquela menina é, sem sombra de dúvidas, o comandante daquele pequeno pelotão.

Não é possível uma pirralha como aquela comandar homens na guerra, ele pensa enquanto a dor lhe ferroa a cabeça.

A única resistência fornecida por essas raparigas na guerra é a resistência que demonstram antes de serem estupradas. No mais, talvez sirvam de enfermeiras. Mas combater? Não estão na Síria.

Não obstante, o sujeito loiro e forte que o arrastara pelos cabelos a obedece sem hesitar.

O sargento Melitz entende o que vai acontecer e começa a implorar pela própria vida. O tenente vê as lágrimas correrem pelo rosto do sargento, misturando-se ao sangue que lhe sai pela boca. Um odor forte de fezes invade as narinas do já nauseado tenente, mas ele não sabe se o cheiro vem das tripas dilaceradas de Melitz ou se o sargento acabou de evacuar nas próprias calças.

O sujeito se avoluma sobre o condenado. A espingarda que carrega lhe parece pequena nas mãos. Aponta a arma para a cabeça do moribundo e dispara. O estampido ecoa entre os prédios e o topo da cabeça do sargento é parcialmente desintegrado.

O corpo do sargento começa a se debater e o tenente se mantém imóvel durante aquela convulsão medonha. Dois tiros ruins. O tenente já vira homens morrerem com muito menos do que o pobre Melitz acaba de sofrer. É muito azar.

O disparo não liquida Melitz de uma vez, porém, como antes, ninguém parece interessado em abreviar-lhe o sofrimento. Seus pulmões ainda trabalham algum tempo, antes da boca imobilizar-se enquanto executa um último e convulsivo hausto, na derradeira tentativa de seguir respirando.

A garota berra ordens para um grupo de seis ou sete homens, enquanto o carrasco de Melitz volta sua atenção ao movimento de dois blindados que surgem rugindo por uma rua lateral.

As suspeitas do tenente se mostram corretas. Um contra ataque, aparentemente, muito bem coordenado, está em andamento e o truque da garota lhe parecera apenas uma desagradável e desnecessária introdução a todas as mortes que irão ocorrer a partir daquela manobra.

Encosta a cabeça dolorida no asfalto e tenta não prestar atenção ao estertor de Melitz. Pensa em sua base e se dá conta de que está condenada. Onde haviam mantido escondidos aqueles blindados não era um grande mistério. Os guerrilheiros vinham agindo no subterrâneo já havia certo tempo. Mas os oficiais no comando daquela guerra diziam não acreditar que aqueles túneis e abrigos realmente representassem uma ameaça verdadeira. A verdade, para o tenente capturado, era simples. Os superiores também estavam mais interessados nos saques e estupros que o avanço de seu exército ali em Solidão permitia. Disseram que era apenas uma questão de tempo para a revolução ser suprimida. A guerrilha ia desistir. Todos uns imbecis. Inclusive ele... O sujeito loiro e forte dá um berro em sua direção: - Ei! Tu aí! Consegue ficar de pé?

O tenente não responde por achar desnecessário e prontamente vira o corpo para se levantar. Apóia um dos joelhos no chão e sente outro golpe. No momento seguinte está com o rosto sendo esfolado no chão mais uma vez. O pontapé agora o atinge nas costelas.

Cai ofegando, esforçando-se para puxar o ar para dentro dos pulmões.

- Eu perguntei se consegue ficar de pé, não mandei ficar de pé. – Aquele sujeito também não é muito mais que um menino, apesar do tamanho e da barba clara que lhe cobre o queixo.

O tenente pensa estupidamente em se desculpar, entretanto, não conseguiria dizer nada devido a sua incapacidade momentânea de respirar.

A garota vai até onde estão e, com o cano do fuzil, aponta para uma camionete verde oliva gabinada que se aproxima com velocidade:

- Tira ele daqui.

Dessa vez não ousa tentar levantar. É erguido pelos cabelos mais uma vez e em seguida é empurrado na direção do veículo. O soldado grandalhão lhe desfere mais um chute na altura das costas, derrubando-o novamente, e em seguida se volta para a garota e a segue rumo a um Monza que está estacionado nas proximidades. Ambos embarcam e desaparecem assim que o carro dobra a primeira esquina. Nesse meio tempo, o tenente já teve as mãos amarradas e é jogado para dentro da carroceria da camionete.

O veículo parte em alta velocidade e ele vai sendo jogado de um lado para o outro sem poder se proteger das quedas produzidas pelos solavancos.

Ao longe ele ouve rajadas de armas automáticas. Seu matraquear característico se intensificando. Forçando se a se manter de joelhos sem ser arremessado de encontro ao chão de metal do carro que o leva, observa por uma das pequenas janelas uma infinidade de soldados rebeldes surgindo de cada rua, esquina ou

construção, enquanto mais dois blindados roncam em uma rua lateral, as poderosas lagartas metálicas moendo os obstáculos do caminho.

O motorista da camionete segue entre as ruas cheias de escombros da cidade por talvez dois quilômetros, através de dezenas de edifícios e estabelecimentos comerciais inativos, quando o tenente ouve claramente, apesar da grande distância, um estrondo semelhante a um trovão. O céu parece rugir e ele sente a brutal vibração de um projétil poderoso se chocando contra o solo.

Artilharia pesada. Blindados e atiradores mortais. Morte e destruição na forma de tubos de aço. O ranger dos blindados soando como os portões do inferno sendo escancarados, enquanto o céu se carrega de chumbo e explosivos, instantes antes do tornado de estilhaços rasgarem o ar, dando fim às infelizes vidas que possuem em comum apenas as agruras da guerra.

Testemunhando aquele ataque, o tenente chega a pensar que, talvez seja mais seguro ter sido capturado. Imagina o terror que deve estar sendo para seu exército passar pelo inferno que a guerrilha de Solidão parece ter liberado. Se a base onde havia se instalado nas últimas semanas resistisse à meia hora daquele horror, seria um grande feito.

O ar continua vibrando e a barragem dá sinais de que será longa. Um rádio de modelo militar, instalado no painel do veículo, produz estática. Alguém começa a se comunicar com quem dirige a camionete. Não consegue entender o que dizem, mas, pelas exclamações de alegria do motorista e do carona a vitória parece uma questão de tempo. Uma forte onda de tontura o força a fechar os olhos, enquanto as raízes feridas de seus dentes arrancados aguilhoam seu maxilar inteiro. Pensa na garota do vestido verde.

A mais bela armadilha que sua mente obtusa poderia conceber.

Agora ele sente novamente, através de suas lembranças enevoadas, a textura daquela pele. Revê o brilho daqueles olhos lacrimosos e ouve aquela voz débil que inutilmente tentava vociferar. Se tivesse tombado morto como seus subordinados, teria sido melhor. Teria tido como última impressão de vida os olhos verdes da morte.

Mas ele seguia vivo e coberto de dores. A fúria se agiganta em seu peito. Seu rosto arde e se naquele momento dispusesse de um espelho, poderia constatar que ficara vermelho como uma cereja. Sua cabeça lateja insuportavelmente. Amaldiçoa a obscenidade dos soldados enquanto cuspe uma pelota de sangue coagulante no chão da camionete. Ao longe, a barragem da artilharia faz a terra tremer.

Não muito tempo depois o carro para. A freada brusca faz com que deslize de encontro à proteção gradeada do vidro traseiro do automóvel. Sente sua cabeça prestes a se partir em pedaços. Prepara-se para sair do automóvel e as portas se abrem. Um homem atarracado e forte aparece:

- Saia daí de uma vez, seu bosta!

O homem veste uma camiseta que, no passado deveria ter sido preta, mas que o uso e as sucessivas lavagens tornaram cinzenta. Calça botas de montaria. A cabeça está completamente raspada e o pescoço maciço é avermelhado por causa do sol que tomara durante aquele verão escaldante. Sua voz demonstra apenas duas coisas. Impaciência e irritação. O tenente desce do carro.

Do lado de fora da camionete, sob o calor sufocante das quatorze horas, o braço forte do sujeito o segura por entre as omoplatas e uma mão o prende tenazmente na nuca. Dedos grossos apertam sua nuca e ele é empurrado em direção a uma porta dupla, situada em um grande edifício mais adiante. Atravessa o pátio de formaturas de um quartel velho, de paredes gastas, sob o olhar de dezenas de guerrilheiros que o observavam com desprezo. Sua cabeça é empurrada para que seus olhos fiquem voltados para o chão. Sua raiva aumenta a cada passo sob aqueles olhares hostis. Deseja sinceramente poder matar todos eles.

– Vamos, seu desgraçado! Não quer que eu te leve no colo, quer? – E o tenente segue pelo corredor que há depois da porta dupla. Caminha e resvala de cabeça baixa por entre cômodos e mais cômodos, fermentando a fúria que, como veria mais tarde, só aumentaria.

Faz alto parado em frente a uma cela. A prisão do quartel. Um soldado que não deve ter dezoito anos de idade a abre e o buldogue humano o joga para dentro. O jovem guerrilheiro passa a chave no cadeado e responde com um “Sim senhor” quando o sujeito careca lhe diz para não conversar com o prisioneiro. Depois disso se retira e o jovem volta a sua posição, sentando-se em uma cadeira que está afastada alguns metros da porta da cela. Sem mais opções, o tenente senta-se a um canto qualquer, cozinhando sua frustração.

O que virá a seguir será o interrogatório. Para o tenente, qualquer interrogatório consiste em um jogo de manipulação, do qual as cartas conhece bem. Com um pouco de perspicácia irá conseguir se livrar da tortura.

Mas outra preocupação já havia se instaurado em sua mente. Como se fosse um rígido e brilhante fio de aço, a ideia de execução atravessava seus pensamentos.

Na guerra não existe respeito por qualquer convenção ou órgão defensor dos direitos humanos. Uma coisa dessas simplesmente não tem voz em um ambiente como Solidão em tempo de guerra. Ele poderia ser morto, assim como foi Melitz, sem prévio aviso, mas suas conclusões lhe dizem que ele será interrogado antes de qualquer coisa. Apesar de ter constatado como a Revolução trata seus inimigos, tem esperança de continuar vivo, por mais difícil que isso pareça em suas circunstâncias.

Passa três horas tentando encontrar justificativas para se manter calmo, mas seu mutismo preocupado, aliado à quietude da sala não surtem nenhum efeito positivo. Os minutos pingados dentro daquele cômodo mal arejado, o calor infernal do lado de fora do quartel e a dúzia de moscas que tentam, a todo custo, pousar-lhe nas faces o deixam muito cansado. Mas a cabeça latejando não lhe permite repouso algum, e de tempos em tempos é obrigado a engolir um fio de sangue com saliva, quando a crosta coagulada sobre suas gengivas se rompe nos momentos em que, distraído, passa a língua sobre os ferimentos abertos enquanto pensa na própria morte.

Deseja um pouco de água. Enxaguar a boca seria agradável, no mínimo, mas não se atreveria a pedir isso. Por hora, pelo menos.

Enquanto pensa na possibilidade de morrer com sede, vozes chegam a ele vindas do corredor.

Prefere não se levantar.

Em poucos instantes divisa uma sombra entre as sombras das grades. Não é o jovem guarda. Aliás, é, mas com mais alguém.

Parece lhe que o interrogatório irá começar.

Um homem fardado entra na cela. Tem um olhar duro e uma expressão de indiferença. Fuma um cigarro.

Para a três passos de distância do tenente: - Homens como tu não deveriam comandar. Não por serem sádicos, mas sim por serem estúpidos. – Lhe diz.

O tenente nada faz além de fitar-lhe os olhos, imaginando qual será a estratégia que usará para lhe tirar informações. Se prepara para o início do jogo, mas o homem limita-se a olhá-lo de uma forma indefinida por alguns instantes, enquanto, muito ao longe, as armas automáticas ainda crepitam.

O militar, que também é um oficial, - o tenente constata isso ao reparar nas estrelas que o outro sustenta na gola aberta da gandola - suspira como se estivesse cansado de algo que já não suporta mais e enquanto lhe dá as costas, diz com naturalidade: - Bom, menos um. – E se retira.

O guarda tranca a cela e volta à sua cadeira, deixando o tenente mais uma vez sozinho, com seus pensamentos perturbados e suas conclusões desagradáveis sobre o próprio destino.

Aquele militar deixou claro que não desejava uma palavra que fosse sair da boca do tenente prisioneiro. O tenente só podia conjecturar que qualquer informação que ele tivesse não valia de nada. O desdém com que acabara de ser tratado o fez duvidar da própria importância que julgava ter como oficial inimigo em tempos de guerra.

O tenente atua em Solidão desde que a intervenção internacional foi concedida no intuito de suprimir de maneira mais rápida o movimento revolucionário. Isso tem poucos meses, o que não impediu que seu exército obtivesse várias vitórias sobre os rebeldes que, apesar das numerosas baixas, persistiam em seus objetivos. Focos teimosos da resistência pareciam desaparecer para, em seguida, surgir em outro ponto qualquer. Parecia que não se importavam em morrer. Não possuíam muita munição, a comida era igualmente escassa, cometiam erros tolos e, famintos e despreparados, tombavam como moscas sob o avanço de sua tropa bem alimentada e treinada exaustivamente para o combate urbano.

Nesse contexto, o tenente atingiu certa notoriedade. Fora bajulado por seu desempenho no combate ao inimigo, recebendo algumas regalias em troca de seus serviços prestados à pátria que havia contratado os serviços de seu exército.

Estimulado por certos luxos praticamente impossíveis em tempo de guerra, o tenente esforçou-se ao máximo para continuar desempenhando um bom trabalho. Suas tarefas resumiam-se, basicamente, a matar, saquear e estuprar. Executou sumariamente muitos civis, desde crianças a velhos reumáticos. Disseminou o terror entre a população através de assassinatos que incluíram, por uma ou duas vezes, o uso de lança-chamas. Empreendeu caçadas a talvez uma dezena de atiradores de elite, tendo sucesso uma meia dúzia de vezes, mandou degolar um menino de quatorze anos na frente da própria mãe ao descobrir que ele carregava um revólver calibre vinte e dois no bolso da calça.

Recebeu uma medalha de bronze e bebeu um copo de champanhe na companhia de um coronel, em comemoração aos grandes avanços de seu exército nos últimos tempos. Tornou-se exemplo a ser seguido por seus compatriotas e passou a ser monitorado à distância por um grupo de atiradores rancorosos, que jamais se esqueceu de como era seu rosto.

Agora se encontra encarcerado, repleto de dúvidas, moído pela dor e pelo mal estar que lhe atormenta os músculos e os ossos, cogitando, pela primeira vez em todo aquele tempo, sobre as consequências de seus atos contra a população de Solidão.

Tem certeza de que seus captores sabem quem ele é, assim como não duvida de que nenhum deles se esqueceu dos prejuízos, para não falar em toda a dor que Ernesto Rueda lhes trouxe.

Repassando as lembranças do que havia feito, como fizera tantas vezes perante seus subordinados perfilados, criou para si mesmo um desgaste que supera toda a fadiga física e psicológica que chegou a sentir até então. O cansaço que lhe acossa a alma é fruto de um temor totalmente diferente do que já havia sentido na guerra. Aquele desânimo repentino, que o fez estremecer violentamente, é fruto do palpável medo da morte.

Desde que fora mandado ao Brasil, soube que a morte seria uma constante em seus dias. A ideia de morrer violentamente nunca deixou seus pensamentos. Com a garganta seca se põe a recordar as vezes em que enfrentou, à frente de seu pelotão, grupos de guerrilheiros obstinados. Em uma dessas ocasiões, durante uma madrugada, enquanto defendia um depósito de munições, por pouco não perdera os sentidos quando um bloco de concreto, lançado à grande velocidade por uma explosão de granada de morteiro, atingira sua cabeça, arrancando uma lasca brilhante de seu capacete de aço. Essa foi apenas uma das vezes que pôde sentir o quão brutal poderia ser o toque da morte. A vibração causada pelo impacto abalou sua estrutura física da cabeça aos joelhos, derrubando-o como se fosse feito de pano e areia. A visão que teve dos arredores foi substituída por um negrume e de um segundo para outros se encontrou completamente desorientado. Acabou sendo arrastado para longe dos escombros enquanto distinguia vagamente, entre uma grossa nuvem de poeira, vultos apressados ao seu redor e ouvia, como se os sons viessem de muito longe, vozes abafadas, enquanto inúmeros fragmentos despencavam em cima de seu corpo por todos os lados. Passado o choque inicial, tentou se libertar da violenta vertigem causada pela detonação enquanto erguia-se do chão e se apoiava de forma débil em uma parede próxima. Então teve o rosto encharcado por uma explosão de sangue quente e órgãos despedaçados, quando o soldado mais próximo a ele teve a parte superior do torso estraçalhado pela próxima granada que atingira o depósito. Sobrevivera, e tirando algumas escoriações, seu único ferimento mais sério foi um leve hematoma próximo à têmpora direita.

Na frente de batalha, como por todos os hospitais de campanha e enfermarias que tivera acesso, a morte se apresentava de inúmeras formas. Através do fogo, do chumbo, do aço das baionetas, das hemorragias e dos estilhaços, a morte arreganhava-lhe os dentes. A morte violenta sempre esteve por perto e para Ernesto Rueda isso não nunca representou um grande problema. Se chegasse a morrer durante a guerra, seria como muitos de seus companheiros. Até ser capturado, acreditava que teria uma morte de soldado. Digna. Rápida. Daquele

tipo que surge e cessa uma existência em um piscar de olhos. Uma grande explosão, um tiro na cabeça ou logo abaixo da ponta do nariz, acima do lábio superior. Na pior das hipóteses sangraria como Melitz havia sangrado. Se fosse esse o caso, sabia que a própria perda de sangue acabaria com sua angústia final, pois o estado de choque, após um extenso ferimento, iria permitir que o fim passasse despercebido

Para Rueda, a morte é uma aliada. Seu idealismo sobre a guerra ainda não foi destruído. Tanto que jamais havia pensado na possibilidade de se tornar um prisioneiro. Todos os combates dos quais participou até ali não tiveram sobreviventes que pudessem ser feitos prisioneiros. A letalidade da guerra que travavam era grande o suficiente para diminuir consideravelmente qualquer possibilidade de sobrevivência. Mas a vida parecia lhe ter reservado o inesperado. Se suas piores conjecturas se tornarem verdade, será executado, certamente a tiros, desarmado, provavelmente amarrado. Indefeso. E essa possibilidade, de alguma forma incompreensível para o tenente, lhe parece muito pior do que ser feito em pedaços por uma granada.

De alguma forma, em sua maneira limitada de ver e compreender os fatos do mundo, o tenente acredita piamente que é uma criatura lapidada para a guerra. Rueda se vê como uma espécie de juiz, como um Minós fardado, ao qual cabem as únicas decisões importantes. Decisões sobre morrer ou viver. Durante sua vida, Rueda foi brutalizado e condicionado para a barbárie. Tornou-se um simpatizante da violência gratuita que inunda seu cotidiano. Vê como correta a atitude dos civis assustados, que desviaram os olhares e curvaram-se medrosamente ante sua passagem por algum bairro mantido sob o controle de sua tropa, e aprecia o respeito temeroso com que seus subalternos lhe prestam continência e lhe dirigem a palavra.

Com o tempo passando, Rueda começou a sentir certa sensação de invencibilidade. Toda vez que viu algum pobre diabo tentar desaparecer de suas vistas, covardemente, por trás de um monte de entulho ou nas entranhas de algum prédio em ruínas. Quando deu a ordem de "Fogo!" e acionou o gatilho de seu fuzil, sentiu-se poderoso e inalcançável por detrás da cortina supersônica que os projéteis criavam assim que sua palavra ecoava no ar.

Vil, impiedoso, depravado e inconsequente, nunca imaginou como poderia ser se fosse capturado. Agora tem tempo de sobra para pensar nas possibilidades que se desdobram ante seu futuro próximo. O medo constante que zumbia lento em seu subconsciente se torna, de um momento para o outro, em uma torrente viva e morna de pavor. O suor brota de seus poros, a taquicardia lhe causa uma sensação de sufocamento. Suspende a respiração sem se dar conta disso, olha para as próprias mãos e constata, enquanto uma gota de suor entra em seu olho, que treme miseravelmente.

Levanta-se de um salto, tateando automaticamente os bolsos à procura de cigarros. Encontra o maço que, em um primeiro momento, através do tato, parece-lhe vazio, em seguida sente, entre as pontas do indicador e do polegar, a diminuta circunferência do filtro do último que lhe resta.

Procura por seu isqueiro e após meio minuto de busca se dá conta de que o perdeu. A angústia quase lhe fecha a garganta. Pensar na morte, sentir sua proximidade daquela maneira tão real, sem ao menos poder fumar, é insuportável. O tenente, deixando o rancor e a arrogância de oficial mal tratado

e injustiçado de lado, dirige-se até a porta gradeada da cela e chama o guarda com um assobio.

O garoto se levanta da cadeira que ocupa, dá alguns passos e para em frente ao prisioneiro. O tenente mostra seu cigarro e pede, com grande amargura na voz, se pode ceder-lhe fogo.

A sentinela é um menino, agora Rueda pode ver bem. O rosto pálido e infantil é sustentado por um pescoço frágil. Os ombros ainda estreitos levemente curvados para frente. O fuzil pendurado pela bandoleira desbotada oscila verticalmente uma vez, quando o garoto se endireita, levando a mão direita para dentro de um bolso que contém uma caixa de fósforos. Estende-a para o tenente que imediatamente acende seu cigarro e dá uma profunda tragada, misturando ao sabor do tabaco o gosto da pólvora queimada do fósforo. A gengiva ferida protesta um pouco.

Ao devolver a caixa para o guarda, o tenente agradece em sua língua materna: - Gracias. – O menino limita-se a acenar com a cabeça uma única vez, enquanto mantém o olhar triste e cansado fixo no prisioneiro. Seus lábios formam uma linha retilínea que pouco ou nada demonstram, enquanto seus olhos azuis refletem a brasa avermelhada do cigarro de Rueda, que observa as feições daquele soldado por mais alguns instantes, sentindo certa gratidão, ao mesmo tempo em que tem raiva daquela criatura loira que o fita languidamente.

Ao dar as costas à sentinela, preparando-se para voltar para um dos cantos do cárcere, ouve seu nome ser chamado. Ou o menino sabe quem ele é ou se deu ao trabalho de ler sua identificação que fora arrancada de seu peito pelo buldogue humano quando era trazido para a prisão. Mas por que um reles guarda de cadeia iria dar-se ao trabalho de querer saber o nome de um prisioneiro ensanguentado e com a cara quebrada?

Sobressaltado, Rueda se volta e dá de cara com o garoto olhando para baixo, estendendo dois cigarros em sua direção entre as grades.

Hesita.

Espera para ver se o rapaz fará alguma coisa. Nada. A sentinela se mantém na mesma posição, de olhos baixos, fazendo menção de entregar-lhe os cigarros.

Apesar da desconfiança, o tenente se aproxima e devagar apanha os cigarros que lhe são oferecidos. Mais uma vez a gratidão, a raiva e a frustração passam a galope por suas feições, quando o menino lhe entrega com a outra mão, rapidamente, a caixa de fósforos, dizendo: - O senhor pode ficar com ela, eu tenho mais uma. – E antes que pudesse obter qualquer resposta, volta apressadamente para sua cadeira, não demonstrando mais qualquer intenção de manter a comunicação.

Durante um longo minuto, Ernesto se limita a observar a magra sentinela roer um pedaço de pão que retira de dentro de uma sacola plástica que fica ao lado da cadeira de aspecto quebradiço que ocupa, enquanto sente uma desconfiança aparentemente infundada cerrar-lhe as pálpebras. Ele sabe que, para a sentinela, o nome pelo qual o chamou vai além da simples inscrição presa por velcro em sua gandola.

“Rueda” não foi somente um nome visível em seu peito, e a sentinela conhece muito bem seu histórico. Sabe tão bem das histórias de Rueda que, caso tivesse lhe negado os fósforos, sua consciência não se perturbaria em nada.

De qualquer forma, Rueda acabou de receber dois cigarros e a possibilidade de acender um maço inteiro deles, se ele tiver a possibilidade de obter um maço.

Por hora, irá queimar uma ínfima parte de sua ansiedade.

Enquanto inspira concentrado uma nova nuvem de fumaça, pensando na possibilidade de que aqueles três podem ser os últimos cigarros de sua vida, se dirige para um canto da cela e se senta, retendo o monóxido de carbono nos pulmões pelo máximo de tempo que consegue.

Tenta controlar com pouco sucesso a tremedeira das mãos, enquanto delicadas, lentas e sinuosas linhas de fumaça azulada lhe rodeiam o rosto.

Então ouve passos ecoando pelo corredor da prisão. Olha na direção da porta e avista a garota que lhe rendera dentro da armadilha carbonizada que acabara com sua vida.

A reconhece por lembrar-se da cor de seus olhos, que não tem o mesmo tom de verde dos da garota que tentou estuprar. São mais escuros, não menos bonitos.

O grande lenço negro é agora trazido ao redor do pescoço, apesar do calor. O rosto ameaçador e atraente está carregado com uma dose exata de petulância. O cabelo fino e muito negro, maior em cima e raspado nas laterais da cabeça, possui uma franja lustrosa que se encontra colada à sua testa devido ao suor. Sua farda está tão suja de cimento quanto da primeira vez que a viu. Lembra-se de quando ela apontou o cano de um FAL para o seu rosto e pensa em como seria difícil enxergá-la a duzentos metros de distância, deitada entre os escombros de alguma construção qualquer, ajustando a mira do fuzil. Nem ele nem seus homens foram capazes de detectá-la a tempo de salvarem as próprias vidas.

Não deve ter mais de dezesseis, dezessete anos. Mas sua expressão não condiz com tão pouca idade. Jamais vira, até aquele momento, alguém tão jovem parecer tão terrível, pois a máscara de fúria contida que o observa por detrás das grades que os separam é impressionante. Repara na pistola automática que ela mantém na cintura e se põe a imaginar quantos já morreram por suas mãos.

Uma pergunta de difícil resposta.

Mais fácil é concluir que a guerra fez um trabalho horrível naquela criatura.

Dentro dela alguma coisa se partiu há tempos. Seu olhar exhibe a falta de humanidade presente naqueles que muito sofreram. A expressão do rosto é grave, como se ela fosse uma portadora perene de más notícias. Os cantos da boca levemente contraídos pela seriedade. Os olhos como esferas de jade, impassíveis e mortíferos como os de uma serpente.

Sem tirar os olhos de cima do tenente, pergunta ao guarda da cela: - Foi tu quem deu o cigarro pra ele? – O rapaz responde que sim. – Então me dá um também se tiver mais, os meus acabaram. O vigia lhe estende um prontamente e ela o acende com seu próprio isqueiro. Dá uma tragada feroz e faz sinal para que ele abra a cela. A porta range em seus encaixes. A menina entra e o vigia

se mantém do lado de fora, prestando atenção nos dois. Mais uma vez, nada de interrogatório, apenas uma espécie de monólogo informal entre dois inimigos.

A guerrilheira caminha até ficar muito próxima do tenente, que se limita a levantar os olhos em sua direção. A cada passo que ela dá, ele percebe a improvável e elegante letalidade que emana daquela aparentemente frágil forma feminina.

O orgulho de bicho acossado volta a aflorar, fazendo-o decidir-se a enfrentar a mocinha brava que se encontra à sua frente. Prepara uma insolente expressão de escárnio, apesar do medo que ainda sente, para encará-la. Não irá permitir que a garota veja o quão amedrontado está. Isso jamais.

Por sua vez, a guerrilheira não faz de conta que não percebe suas intenções, e em resposta, sorri como quem faz pouco caso de uma piada mal contada. Diz, enquanto bate a cinza de seu cigarro:

- Ernesto Rueda, o violador do planalto médio. Não estamos exatamente no planalto médio, mas isso não faz a menor diferença. O que faz diferença é que tu não vai mais ter como foder com a vida dos outros. Uma pena tu e tua matilha estarem além do alcance dos nossos fuzis na semana passada. Lembra da semana passada, Rueda? Quando vocês passaram por aquela casinha bege de dois andares, onde uma mãe morava com as três filhas. Mas também não faz diferença... - Suspende as palavras um instante e desvia o olhar para algum ponto da parede, por trás do ombro esquerdo do tenente, e em seguida, como alguém que volta de uma divagação, prossegue: - Eu mesma me encarregava de ti, agora mesmo, se Novakoski não tivesse me proibido. Aliás, tu só ainda não morreu porque Novakoski não quis. - Rueda não demonstra qualquer reação, limita-se a fazer pouco caso da referência à casa bege, às meninas e sua mãe com um leve arquear das sobrancelhas. Nada mais esperado de uma guerrilheira do que uma queixa formal e malcriada sobre o milenar hábito recorrente em todas as guerras travadas pelo homem. O estupro.

Não perderá um segundo sequer na tentativa de argumentar com a menina a esse respeito. Simplesmente não vê motivos para lhe explicar que o estupro de guerra não é nada senão uma maneira eficaz de manter o controle sobre a população. Se tiverem medo não ousarão resistir, pelo menos de um modo geral. E não há algo que se equipare ao temor que o termo “estupro” causa. Qualquer mulher fica aterrorizada ao ponto de não se atrever a colocar o rosto à vista em uma janela. Os homens temem por suas esposas, filhas, mães e irmãs, e os garotos também não estão livres, caso haja um pederasta entre os opressores. O melhor a se fazer é não aparecer, deixando o terreno livre para as tropas invasoras fazerem o que bem entenderem. E nos não raros casos de gravidez, quando a vítima não força um aborto, a criança carregará os genes da raça, supostamente, dominante. Para Rueda, o estupro é uma arma de guerra que não deveria, de modo algum, ser deixada de lado. Facilita muito as coisas.

Mas também não tem a menor intenção de ouvir aquela rapariga se queixar de um mal necessário, que até onde ele imagina, pode muito bem ter afligido sua triste vida.

Fazendo uso de sua indulgência arrogante, abre a boca para dá-la a entender que o que ela dizia em absolutamente nada o interessa: - Yo... -Mas ela o interrompe bruscamente: - Pros infernos contigo, seu castelhano de merda! Não

vim até aqui pra ouvir nenhuma justificativa ou coisa que o valha que tu queiras me dar. Não vim até aqui pra tratar contigo do significado da guerra ou de qualquer outra porcaria! Vim até aqui por que queria olhar pra essa tua cara infeliz uma vez mais. – Dá mais uma tragada no cigarro e passa as mãos nos cabelos, tirando-os da testa. Seus olhos, de um brilho cristalino quase hipnótico, dardejaram ferocidade, e Rueda se sente intimidade de uma maneira vergonhosamente inesperada. Desiste de continuar falando.

A guerrilheira por sua vez, sabendo exatamente como deveria ser a perturbação que sua sentença havia causado em Rueda, apoia uma mão displicente sobre a coroa de sua pistola e, com algo semelhante ao prazer saindo-lhe dos olhos, prossegue: - Helena estava certa quando disse que tu cairia como um patinho. - O tenente não consegue ocultar a surpresa que a informação lhe causa e a garota, com uma espécie de entusiasmo cansado, segue dizendo: - Ah! Sim Rueda, esse é o nome dela, e foi ela quem nos deu a sugestão. Garota corajosa, aquela Helena. Ela esteve conosco nas últimas duas semanas, e esporadicamente durante todo esse mês que termina. Monitoramos vocês a quilômetros de distância e vimos como tu agia, juntamente com aquela corja que te tinha como exemplo. – Sorri estranhamente, enquanto traga a fumaça do cigarro, e pisca para o prisioneiro de uma forma perturbadoramente íntima: - Vocês faziam tudo exatamente do mesmo jeito, sempre. E a cada dia que passava iam chegando cada vez mais perto. Depois ela só precisou ficar dando bandeira na frente daquela casa. Foi fácil. Não vou te dizer o contrário Rueda, porque não foi difícil. Vocês pareciam não prestar atenção a mais nada, e até imagino as causas disso. Passamos muitos dias quietos, escondidos, e porque não dizer, lambendo as feridas, tentando não preocupá-los, e como podemos perceber, funcionou. – A fumaça se condensa no abafado bloco de concreto, formando uma espessa nuvem carcinogênica acinzentada, enquanto o odor de urina e suor da cela é revolvido através da atmosfera sufocante, que rodeia Rueda e a menina. Depois de fitá-lo gravemente por um instante, Sentencia: - Tu e os teus perderam quando entraram naquela casa, e eu podia ter aproveitado quando tu tava lá, de quatro, e metido uma bala na tua cabeça. Mas sossega, que tu não foi o único que caiu na cilada. E dizer que pensávamos que talvez vocês não fossem engolir. - Parece meditar por algum tempo, então continua, olhando para a ponta de seu cigarro, que já vai pela metade: - Tu não vale os cinco tiros que vai levar amanhã. Tu tinha que ter um nó de força passado pelo pescoço. O desperdício seria menor. Mas o exemplo arrasta, e é de exemplo que tu vai servir amanhã. Tu e mais outros camaradas teus que foram pegos também, inclusive um tal coronel Rojas.

Então ele havia cogitado corretamente. Pena capital. Sentença de morte por fuzilamento, e não haveria interrogatório porque o felizardo que iria passar horas na câmara de tortura seria o coronel Rojas.

Decidindo-se por encerrar seu discurso, a menina fala, pisando em um diminuto pedaço da brasa que acaba de se desprender de seu cigarro: - Teu fim é amanhã às dez horas. – Dá uma última tragada, joga a bituca no chão e se retira, sem dizer mais nada.

Agora tem certeza de que será morto.

Mantendo-se sentado de encontro à parede, iniciando o exaustivo processo de aceitação da morte, percebe sua incapacidade em livrar-se do profundo

abatimento que segue, vorazmente, roendo-lhe os nervos. Pergunta-se se seria válido pensar, a partir do que a garota lhe dissera, sobre o definitivo significado da morte. Haverá algum traço de sua consciência que, de alguma forma, será capaz de sobreviver à morte do corpo? O choque hidrostático, que transformará seus vasos sanguíneos em diminutos e violentos maremotos de líquido escarlate, afetará seu cérebro imediatamente, causando-lhe morte praticamente instantânea, ou ele agonizará como Melitz, enquanto sente o corpo perder seu calor minuto a minuto, aprisionando-o miseravelmente à derradeira tortura?

Apesar de achar, de alguma maneira indecifrável, que se faz necessário pensar em determinadas questões, agora que sabe exatamente o horário em que será morto, não consegue se concentrar em nada específico. Seus pensamentos vão e voltam turvos, desorganizados, aleatórios. Agora que se encontra mais uma vez a sós na cela abafada, silencioso e angustiado, recomeça a prestar atenção no latejar incessante e doloroso que lanceta todo o seu crânio.

Esgotado mais por suas resoluções do que por seu corpo cansado, concentra toda sua atenção na direção do foco de dor que emana de seu maxilar. Não sente mais o sangue descer-lhe pelo esôfago, mas não ousa fechar a boca, pois o contato da língua com a crosta macilenta de coágulos ainda lhe causa náuseas.

Com uma resignação irritada, se limita a buscar uma posição mais confortável na junção das duas paredes, enquanto o guarda se posta na entrada da cela. Na mão direita traz uma garrafinha com água, na outra há uma cartela contendo drágeas brancas.

Com o indicador, faz um sinal lento e respeitoso, indicando que o tenente se aproxime. Estende-lhe os comprimidos e a água: - Analgésicos, senhor. Fique com eles e com a água. São da nossa enfermaria. – Parece escolher as próximas palavras com certo cuidado, e remexendo nos bolsos, afirma: - E são fortes, tenente Rueda. Tem ópio na composição.

O tenente, novamente agradecido e muito perturbado pela desconfiança que, de alguma forma, aquele ato cria, tira dois comprimidos da cartela e, com cuidado, os quebra com os dentes do lado saudável da boca, engolindo-os em seguida com um longo gole de água.

O menino observa a cena placidamente, enquanto ensaia mentalmente as palavras que desejava proferir, ansiando por qualquer traço nas feições do tenente que lhe deem a entender que ele terá a oportunidade. Espera o som da água descendo pela garganta do homem desaparecer, e com o olhar fixo nas feições cansadas do tenente, aspira profundamente, reunindo a coragem necessária. Diz: - Não pretendo te conformar tenente, mas o senhor deve levar em conta que apesar do que ela falou, o senhor vai morrer amanhã por estar em uma guerra e não por qualquer outro motivo. O que o senhor fez ou deixou de fazer não muda nem justifica nada, o senhor me entende? – Não espera que Rueda responda e prossegue: - O senhor poderia até ter sido piedoso com os teus inimigos, que são nossos amigos, e mesmo assim correria grande chance de ir para o paredão se fosse capturado. A guerra é assim. E talvez o senhor me ache muito novo pra vir tratar deste assunto, mas eu aprendi que a finalidade é essa. Matar e morrer. Morrer muito mais do que matar. Eu, por exemplo, sou apenas sentinela aqui na prisão ou lá fora nas guaritas. Nunca tinha dado um tiro sequer até a semana passada porque não fui obrigado a isso por ninguém,

e ainda foram tiros de treinamento, para aprender a manejar o fuzil. Atiramos contra alvos de madeira lá no campo de trás. O comandante Novakoski sempre deixou claro que somente voluntários pegariam em armas, e eu passei a ser voluntário só nos últimos dias. Em primeiro lugar porque acho que posso ajudar de alguma forma, e em segundo porque muitos já morreram, e estamos precisando de qualquer um que tenha a intenção de ser útil.

O rapazinho para de falar por um instante, olha para o chão e depois de um suspiro continua, como se desabafasse: - E pra falar a verdade, acho que se eu já tivesse morrido, as coisas seriam mais fáceis. Eu não gostaria de lembrar até o dia de minha morte que matei alguém, e estou sendo sincero com o senhor. Mas é a guerra, e eu acredito que os princípios das pessoas morrem assim como seus familiares e amigos morrem. A gente deixa de ser a pessoa que sempre foi. O senhor sabe, não é? Somos aquilo em que nos tornamos, e o que eu quero dizer é que agora já não faz diferença se o senhor estuprou e matou. Isso nunca fez diferença. O senhor só escolheu o caminho da guerra, através da guerra, e é por isso que vai morrer, e se eu estivesse no teu lugar, de certo iria me sentir melhor do que me sinto agora. Se eu morresse não precisaria mais ver o que eu vejo todos os dias, assim como não precisaria conversar com aqueles que estão na situação que o senhor está. – Cala-se por alguns momentos, olha diretamente nos olhos do oficial e acrescenta: - Às vezes eu acho que não vou aguentar mais, mas quando me dou conta, estou vendo as mesmas coisas que vejo todos os dias sem me dar conta do que vejo. O sofrimento e a morte aparecendo em cada canto, em cada lugar existente nessa cidade miserável. E sabe o que eu faço, tenente? Eu sigo em frente. Não sei bem como, mas é o que faço. – Interrompe-se bruscamente, como se houvesse desistido totalmente de continuar falando. Dá as costas ao tenente e volta para a cadeira, deixando Rueda pensando em uma das frases que há pouco lhe dissera.

Os princípios morrem como os homens.

Quando volta para o seu canto da cela, depois de dez minutos de meditação sobre sua condição de condenado à morte, sente qualquer coisa de reconfortante tomar forma por detrás de seus olhos fechados. Uma sensação tênue, que se insinua através de sua mente levando atrás de si um rastro morno que de uma forma puramente química dissipa as dores físicas e psicológicas que fustigam seu corpo e sua alma. Os opiáceos iniciam seu processo milenar de sedação.

Com a onda repentina de bem estar que a droga proporciona, aceita de bom coração toda a ajuda que aquele garoto que vigia sua cela lhe deu. Enquanto sua dor é consumida pela letargia que emana das cápsulas de ópio, e seu espírito se eleva em algum tipo de prazer primitivo, constata que, apesar de se encontrar às portas da morte, o garoto, pelo que pôde perceber através da onda de alívio que sente correr-lhe pelas veias, de alguma forma, lhe salvou a vida.

Quando as drágeas são totalmente digeridas em suas entranhas e toda sua farmacologia corre livremente por seu corpo, confortando seu cérebro angustiado e retorcido pela dor, uma nuvem de torpor, negra como piche, abate-se sobre a consciência do tenente, permitindo que divague através de imagens de sua infância longínqua, onde ele ainda não havia sido corrompido pelo mundo. Uma infância onde a guerra fazia parte apenas dos livros de história. Seu corpo se desliga e ele então consegue dormir, em uma espécie de coma,

que o impede, depois de certo tempo, de sonhar. Sua canção de ninar é o som dos passos pesados de uma tropa que passa marchando pelo pátio do quartel.

Quando desperta, em meio à escuridão absoluta, sente uma leve fisgada abaixo das costelas, quando inspira uma quantidade generosa de ar para dentro dos pulmões. O silêncio domina o aposento e as redondezas. Já é tarde da noite.

Imediatamente, enfiando a mão em um de seus bolsos, segura entre os dedos a cartela de analgésicos. Preparando-se para engolir um novo comprimido, ao tatear em sua volta à procura da garrafa plástica com água, ouve a sentinela, entre dentes, sussurrar seu nome. Dessa vez traz uma manta esverdeada em uma das mãos. Uma das extremidades do retângulo de tecido tocando o chão de concreto do corredor.

Quando Ernesto apanha o fino cobertor, o vigia, de um modo desnecessariamente furtivo, lhe entrega um maço de cigarros que, pelo tato, parece estar quase cheio. Rueda meneia a cabeça vagarosamente, e antes que o garoto puxe a mão novamente para fora da cela, toma a entre as suas e a aperta com firmeza: - Muito obrigado rapaz! – O menino se limita a retirar a mão após fazer um sinal qualquer com a cabeça, em consentimento ao agradecimento do tenente. Mantém os olhos baixos e volta para a sua cadeira desconjuntada, se abaixa e mexe na sacola plástica que possui. Retira de dentro dela lá um embrulho de papel pardo e volta até o tenente. Estende-lhe o pacote, dizendo: - É carne.

Ernesto sorri involuntariamente enquanto ouve as palavras do garoto e fita o embrulho: - Não, rapaz. Não quero. Até por que, eu não consigo mastigar, mas obrigado pela água e pelos remédios. – O menino, com os olhos baixos na maior parte do tempo, faz um barulho qualquer, concordando com as palavras do tenente e vai à direção de sua cadeira, sentando-se e acendendo um cigarro.

Rueda retorna para o canto escuro que escolheu para passar a noite e enrodilhando-se na manta, que cheira como um cão molhado, após acender um cigarro, retira do bolso a cartela de comprimidos e cogita o suicídio.

Se tomar aquela cartela inteira morrerá provavelmente muito devagar, enquanto sua mente mergulha em um mundo onde a dor não existe e os fatos da vida não possuem a mesma importância. Entretanto, em um acesso de lealdade, que ele acredita ter algo a ver com a bravura dos grandes guerreiros da história do mundo, decide encarar o pelotão de fuzilamento, como os homens vem fazendo desde que a pólvora existe.

Além de achar que essa é a melhor atitude a ser tomada, se ele fosse encontrado morto por uma overdose, em seu canto sujo e gelado da cela, a jovem sentinela teria problemas por ter surrupiado uma cartela de analgésicos opiáceos da enfermaria e tê-la entregado a um prisioneiro que, de modo muito justificável, optara por abreviar o próprio padecimento.

Engole mais um comprimido e algum tempo depois, com o conforto que a morfina espalha por seu corpo, se resigna ao destino que ele próprio escolheu há muito tempo. E assim, convicto de que morreria de pé, se decide por não usar uma venda nos olhos. Dorme sem se dar conta de que em algum recesso obscuro, seu espírito se debate contra sua resignação. Mesmo sem saber, Ernesto Rueda não quer morrer.

A noite que termina é a melhor noite que o tenente teve em todo seu tempo na guerra. Quando acorda, a sentinela e outro soldado abrem a porta da cela, fazendo-a soltar seu gemido característico de metal enferrujado. Com a tristeza visível nos olhos, o guarda que tentou dar um último dia de vida não tão ruim ao tenente, para no meio do aposento e, com uma voz inesperadamente grossa, contrastando com suas feições ainda infantis, diz: - Vamos, tenente Rueda. Já são quase dez horas.

Ernesto levanta-se, acende um cigarro e percebe, para seu próprio, breve e esperado mal-estar, que passara sua última noite da melhor maneira possível, dadas as circunstâncias em que se encontra. Diz a si mesmo que caminhará por livre e espontânea vontade até o paredão. Esse lhe parece o último ato digno que se encontra ao seu alcance.

A sentinela e o outro soldado caminham até ele segurando tiras finas de couro cru. Ernesto, com o cigarro no canto da boca, estende-lhes os pulsos, que são amarrados de forma firme e gentil pelo guarda da cela. Ao saírem do cômodo, avistam Novakoski aguardando-os no final do corredor. Suas feições cansadas, como que feitas de pedra. Um olho estreitando-se quando um fio de fumaça do cigarro tenta fazer sua vista arder.

O prisioneiro e sua escolta param diante do comandante, que exhibe um barbeado meticuloso no rosto pálido. Rueda sente vontade de dar-lhe um soco forte o suficiente para quebrar-lhe o nariz.

Apenas para aliviar a tensão. Apenas para agredir, de forma física, uma última vez, o exército inimigo.

Novakoski tem vinte e oito anos feitos, mas isso é um dado averiguável apenas em seus documentos, pois o rosto do homem, assim como seus olhos, o envelhece assombrosamente.

Firme como uma estátua de bronze, uma das mãos para trás, a outra segurando o cigarro, com um tom de voz seco, Novakoski fala para Rueda: - Sem julgamento, sem clemência, sem qualquer formalidade. Ernesto Rueda, tu cometeu crimes contra a população de Solidão e foi sentenciado à morte. Será fuzilado. – E olhando rapidamente para os soldados que escoltam o tenente, faz um sinal brusco com a cabeça e ordena: - Levem-no daqui.

Ernesto é conduzido pelos mesmos caminhos de quando fora preso. Sobe escadas e cruza com outros poucos soldados até chegar à porta que serve de entrada para o saguão do quartel. Do lado de fora se pode ouvir um vozerio disforme. Pensa na quantidade de pessoas interessadas em sua execução e se pergunta se, de fato, muitos dos espectadores que lá estão o reconheceriam de circunstâncias passadas.

Pensa que isso não será possível, porém, quando a porta se abre e ele dá dois passos para fora, uma saraivada de improperios, saliva e pedras o atingem. Se não recordam de seu rosto de situações pretéritas, sabem o suficiente a seu respeito para matá-lo a pauladas e pontapés, se tiverem a oportunidade.

Um pedaço de tijolo passa rente à sua cabeça e nesse instante Novakoski, que acompanha Rueda e os guardas, berra, ordenando que a multidão se afaste.

Seguindo entre a turba irritada, que obedece prontamente à ordem de Novakoski, a sentinela tira um lenço do bolso e o estende para o tenente, que o apanha e limpa o cuspe do rosto e do pescoço.

Ernesto sente que o garoto gostaria de dizer-lhe qualquer coisa para fazer com que se sentisse mais à vontade, mas entende o porquê da hesitação. O rapaz já conhece suficientemente a guerra a ponto de não se atrever a falar ingenuidades e bobagens no intuito de consolar um homem que está a minutos da morte. Toca o braço da sentinela rapidamente e com um meneio negativo da cabeça, dá a entender que não há necessidade daquilo. – O guarda da cela assente com a cabeça enquanto pensa se, de fato, deve pedir desculpas ao tenente. Mas Rueda, através de seu olhar, faz-lhe o favor de demonstrar que aquilo não tem importância.

Seguem caminhando, com o outro soldado mais atrás, até enxergarem o muro mais adiante. Comprido, alto e velho.

À medida que se aproximam Ernesto repara nos preparativos para a execução. Entre o muro e um palanque de madeira enterrado no chão, vários sacos de areia encontram-se empilhados. Para evitar os ricochetes, pensa, apesar de ser capaz de ver, em outros pontos do muro, os buracos das balas disparadas em execuções anteriores, nas quais, um cuidado como aquele certamente não havia sido tomado. Uma pequena precaução. A plateia não merece ser atingida por algum projétil desgovernado.

Na frente do muro, cerca de dez metros à direita da viga, há três homens. Um deles é o buldogue humano que o levava até a cela no dia anterior, os outros dois não faz ideia de quem sejam. Espera apenas que um deles não seja um padre.

Rueda não precisa ser consolado, precisava apenas de mais um cigarro.

Ao chegar à frente do palanque cravado no chão, a sentinela desamarra as tiras de couro de seus punhos e olha-o nos olhos. O olhar do garoto ainda carrega tristeza, além do grande cansaço que transborda de suas pupilas contraídas pelo sol. Rueda sente por ele, e com a voz baixa, porém firme, agradece-lhe por seus cuidados, e então, voltando-se, com algo somente em partes semelhante ao orgulho de outros tempos, encara a multidão que aguarda por sua morte. Não o insultam mais e o vozerio fora convertido em um murmúrio contínuo. Olham em sua direção com expressões ansiosas, cheias de expectativa, enquanto a sentinela permanece ao lado do prisioneiro como um cão fiel.

No dia anterior, a guerrilheira havia dito algo sobre exemplos, e é nisso que Ernesto Rueda pensa enquanto os dois soldados fazem com que se aproxime do palanque. Sua vida não havia sido um exemplo a ser seguido, e Rueda, de certa forma, lamenta ter se dado conta de uma coisa dessas só agora, enquanto seus braços são amarrados para trás, ao redor da trave de madeira que servirá de apoio para seu corpo, quando ele for trespassado pelos tiros e desabar, morto ou morrendo. De qualquer forma, enfrentará o pelotão de cabeça erguida, olhando nos olhos de cada um dos atiradores. Seu propósito, com tal atitude, é de que a sentinela não se esqueça desta sua derradeira atitude. Talvez, ele pensa, a guerra tenha tido algum valor. Talvez tenha lhe valido a pena por ter colocado em seu caminho um rapaz como aquele que, compartilhando em

silêncio de seu último dia, havia feito o possível para que ele, um militar ignorante e embrutecido, sofresse um pouco menos até a hora de morrer.

Dos homens que se encontram próximos ao muro, somente o buldogue se aproxima de Rueda e dos dois soldados. Traz consigo duas cordas, não muito grossas, de nylon encardido. Com as cordas, Ernesto é preso firmemente ao palanque. Em seguida, a sentinela acende um cigarro e o coloca entre os lábios do tenente, enquanto os demais se retiram.

Enquanto traga a fumaça, sentindo a pressão das cordas em seu tórax, presta atenção na multidão que o observa, e no momento que a sentinela retira o cigarro de sua boca, reconhece, na primeira fileira de pessoas que aguardam por seu fuzilamento, a garota do dia anterior. O gatilho da armadilha que o levava até ali. Helena.

Imóvel, com os braços cruzados abaixo dos seios, usando o mesmo vestido da véspera, obviamente costurado na alça, ela fita o tenente nos olhos, deixando transparecer um leve ar de satisfação ao vê-lo prestes a ser morto. Mas apesar da distância que os separa, ele nota algo mais naquele olhar belo e esverdeado. Talvez, pensa, fosse o sentimento de pena que alguém, munido com um mínimo de sensatez, sente ao se deparar com um animal agonizante, onde o certo a se fazer é, misericordiosamente, dar-lhe um último golpe, encerrando seu sofrimento.

Rueda não tem como saber se é exatamente isso que os olhos da garota lhe mostram, mas, ao sentir a inevitabilidade dos fatos que irão se seguir, compreende que ele é, mesmo, um animal moribundo que já não tem mais saída a não ser a morte. Um monstro que precisa ser aniquilado.

Quando a sentinela oferece-lhe o cigarro, o tenente, depois de dar uma longa tragada, faz um sinal com os olhos e com o lábio, pedindo que o menino retire o cigarro de sua boca, e em um português quase perfeito, diz, com os olhos ainda voltados na direção da menina que não estuprara:

- Tenha força, soldado. Tenha a força que estou tentando ter agora. Acho que se fica em frente a um pelotão de fuzilamento só uma vez. Essa é uma coisa que não foi inventada pra se sobreviver a ela e depois contar. Tu foste um bom homem comigo, e te devo minha gratidão. Pra morrer é preciso ter coragem, e isso é uma tarefa difícil. Acredite no que te digo. Por isso, se um conselho meu te servir de alguma forma, te aconselho a ter força. Não sei como farás isso, mas tente. – Desvia os olhos do público e da menina, encara o garoto com uma seriedade que, tempos atrás, não teria como ser vista em seu rosto: - Pode ser que tu não vivas até amanhã. Termine de fumar esse cigarro e vá. Que um dia a guerra termine pra ti, assim como terminou pra mim.

Nesse meio tempo, o pelotão de fuzilamento aparece.

Ele vem em fila indiana por detrás da pequena multidão e para a pouco menos de dez metros de Rueda e da sentinela. São quatro e parecem ter atravessado o próprio inferno para chegar até ali. Suas fardas apresentam partes rasgadas e esfiapadas, sujas de pó de concreto e sangue. Estão visivelmente feridos em vários lugares do corpo.

Um deles, um rapaz com menos de trinta anos, com um cabelo loiro e sujo, manca a cada passo que dá e faz uma careta de dor ao postar-se de frente para

Rueda e o paredão. Sua calça está queimada em determinado ponto e se vê uma bandagem amarelada enrolando uma de suas pernas. Provavelmente uma granada incendiária ou coisa do tipo, pensa Rueda, ao olhar as bordas chamuscadas do tecido da calça.

Outro fuzilador, um homem de meia idade que exhibe um exuberante bigode grisalho, tem a manga da gandola direita rasgada até o cotovelo e uma atadura encardida e ensanguentada enrolada no antebraço.

Os outros dois executores são mulheres. Duas garotas. Uma delas é de baixa estatura, cabelos alourados e expressão ingênua. Quarenta minutos antes ela passava por uma cirurgia improvisada para retirar quatro estilhaços de granada do abdome. Graças ao contêiner de lixo que a protegeu da explosão, os estilhaços do petardo não penetraram profundamente em seu corpo. Sobrevivera para seguir matando. A garota sabe disso. O que não sabe é se sente mais pena do condenado ou de si mesma.

A quarta pessoa encarregada de matar o tenente Ernesto é a menina guerrilheira do dia anterior. Não veste gandola, apenas uma regata preta e desbotada por dentro das calças cobertas de cimento pulverizado. Os braços longos encontram-se cobertos de equimoses e pequenos cortes. No lado direito de seu rosto, na protuberância do zigomático, um corte enegrecido e de bordas coaguladas exhibe um leve brilho apagado. O cabelo encharcado de suor. Mantém a expressão impassível e o hematoma que segue a linha do corte força seu olho a fechar-se um pouco, fazendo-a parecer a criatura mais perigosa que Rueda já viu.

- Vá. - Disse à sentinela. - Já estão todos aí.

-Devo colocar a venda no senhor.

- Não, menino, não usarei a venda.

A sentinela parece confusa. O medo faz com que empalideça ante o olhar do tenente, que, usando o tom de voz mais tranquilo que consegue, tenta lhe confortar: - Não te preocupes. Será assim mesmo. – O menino sustenta o olhar de Rueda por mais uns poucos segundos e então, jogando a bituca de cigarro no chão, vai correndo em direção à linha horizontal formada pelos membros do pelotão de fuzilamento. Posta-se ao lado da garota de expressão ingênua e tira o fuzil de seu ombro, verifica rapidamente o carregador e enrola parte da bandoleira no punho esquerdo.

Um novo sentido rompe a consciência do tenente. A sentinela sempre estivera escalada para o fuzilamento e ele não valeria os cinco tiros que logo receberia.

Novakoski faz um sinal ao pelotão e todos engatilham as armas.

Talvez, se tivesse dado atenção à desconfiança que sentira quando o garoto lhe beneficiara com os cigarros e os analgésicos, não tivesse se surpreendido tanto quando o garoto, acompanhado de seus quatro irmãos de armas, aponta o cano do fuzil para o seu peito, seguindo a ordem de Novakoski. Antes da ordem final, Rueda busca os olhos da sentinela. O menino mantém o fuzil em riste, os dois olhos abertos enquanto faz mira, como ele próprio havia aprendido a atirar. Seus olhares se chocam e se sustentam. Rueda endireita o corpo da melhor maneira que consegue e fala somente para a sentinela, apesar de todos ouvirem suas últimas palavras: - Tu és o único que tem o direito. Aceita a morte.

O último som que Rueda ouve é o estampido em unísono que segue o brado de “Fogo!” de Novakoski. Seu peito é despedaçado pelos projéteis e ele se pergunta porque não se dera o trabalho de perguntar o nome daquela triste e jovem sentinela.

Se houve choque hidrostático, ele não foi forte o suficiente para fazer com que o cérebro de Rueda deixasse de funcionar instantaneamente. Seus pulmões ainda tentam trabalhar durante quatro minutos. Sua consciência é perdida somente depois dos três primeiros. Nesse meio tempo, sem capacidade de mover um centímetro que seja do corpo, surdo e mudo, se contenta em observar o chão escaldante a seus pés, enquanto uma brisa morna joga fragmentos de pó sobre seus coturnos encardidos. Sente o tronco e depois as pernas se encharcarem de sangue. Muito sangue. Não sente dor alguma. A única percepção que o acompanha até o fim é seu peito destroçado subir e descer, enquanto tenta inspirar e expirar uma última vez. No final foram apenas as trevas.

Seu corpo é jogado em uma vala comum, cavada por outros condenados à morte que também serão encaminhados ao o muro do fuzil dentro de algumas horas. Por hora, os demais sentenciados à morte se limitam a atirar com pás terra sobre seu corpo.

Enquanto o pelotão de fuzilamento espera para liquidar os demais prisioneiros, bebendo café e fumando, a guerrilheira, que visitara Rueda na noite anterior, dirige-se à sentinela, que se encontra um pouco afastada dos demais, aparentemente submerso em pensamentos nebulosos: - Que há? Não pode ter sido tão difícil assim. Bastou puxar o gatilho.

A sentinela olha para algum ponto por detrás da cabeça da menina, e depois de soltar a fumaça de seu cigarro, que ia no fim, responde:

- E não foi. Eu só achei que ele usaria a venda nos olhos.

Data : 17/08/2016

Título : Uma Última Volta

Categoria: Contos

Uma última volta

Da escuridão para a luz. Foi isso que Christian pensou ao sair de dentro da sala parcamente iluminada na qual passara as duas últimas horas. Por ele, o tempo passado lá poderia ter sido muito maior. Ao cruzar a porta de entrada da casa de Gabriel, seu amigo de infância, teve os olhos ofuscados pela luz que veio do exterior. A luminosidade dos faróis dos carros que passavam, das casas e edifícios e da própria lua, que na ocasião se encontrava cheia, agrediram seus

olhos. Ao olhar e reparar na dita lua cheia, perguntou-se como era possível ela fazer com que se sentisse tão solitário em determinadas noites.

A festa na casa de Gabriel havia virtualmente começado às oito da noite, porém Christian havia chegado bem antes, atendendo ao pedido de seu amigo que lhe perguntara se seria possível que ele fosse um pouco mais cedo, para que lhe ajudasse com os preparativos. Preparativos estes que consistiram em mudar mesas e cadeiras de lugares e posições, além de colocar certa quantidade (Que quase beirava o absurdo) de bebidas alcoólicas nos freezers da casa.

A idéia era apenas beber, nada de comida. Gabriel alegou que sem qualquer tipo de aperitivo ou coisa que o valesse, o custo de tudo aquilo seria muito menor. Em segundo lugar, disse para Christian que vômito sem restos alimentícios era menos desagradável de se limpar. Suco gástrico e álcool espalhados pelo chão, sem a adição de batatas fritas ou pedaços de frango já eram o suficiente. Nas palavras de Gabriel “Pelo menos a comida já estaria parcialmente digerida”, caso alguém que tivesse jantado antes de ir para lá vomitasse. Durante a festa, o tapetinho do banheiro e uma cadeira estofada, se munidos de consciência, agradeceriam a decisão unânime de que todos apenas beberiam.

Depois de semicerrar os olhos por culpa da claridade da rua, (Ou pela falta dela na sala da casa) Christian retirou seu celular do bolso e apertando uma tecla aleatoriamente viu que eram três e quarenta e dois da manhã de sábado. Até a luminosidade da pequena tela de seu aparelho era demasiada forte naquelas circunstâncias. Não pensou que parte dessa inesperada percepção visual vinha como resultado da maconha consumida algum tempo atrás, que entre outras coisas, dilatara suas pupilas ao ponto de ser difícil olhar para a chama de um isqueiro. Deu alguns passos em direção ao portão da casa, indo para o lado do carro de seus pais que se encontrava estacionado ao lado do meio fio, junto de mais uma meia dúzia deles. Mais algumas pessoas se dirigiam ao portão da casa, com o intuito de também irem embora, e Christian voltou-se para olhá-las. Caminhando ao lado de Marcela, irmã de Gabriel e também sua amiga de longa data, vinha Paula. Ela era amiga íntima de Marcela e causadora de quase todo o bem estar que Christian e sentia naquela noite.

Paula trazia, como na maioria das vezes, um belo e cativante sorriso no rosto. Dificilmente ela não sorria, porém, seus sorrisos não eram somente por hábito ou para agradar os demais. Eram espontâneos, como se seu rosto não pudesse existir sem eles. Essa sua particularidade que podia parecer forçada para alguns, de um modo geral transmitia bem estar aos demais. Um tipo raro de carisma. Era extremamente fácil se apaixonar por uma menina como ela. Muitas vezes bastava apenas que alguém ficasse um pouco de tempo em sua companhia para nos próximos dias aperceber-se pensando nela dali em diante. Vários rapazes já haviam caído por seus encantos e com Christian não foi diferente.

Ambos se conheceram durante a transição de suas infâncias para a adolescência, quando ela se mudara para a cidade onde ele, Marcela e Gabriel residiam. Paula foi matriculada no mesmo colégio que eles freqüentavam na época em que tinham aproximadamente treze anos de idade. Foram colegas de turma. Vivenciaram todas as descobertas intrigantes e bizarras dessa fase da vida juntos. Christian lembraria muito bem durante o resto de sua vida um fato

espantoso que ocorreu no começo de determinado ano, quando eles voltaram de suas férias. Paula, (E não somente ela) que ficaram tempos sem ver, pois havia viajado para a casa de parentes com os pais, ao chegar ao primeiro dia de aula sustentava mais que naturalmente um par de seios volumosos e aparentemente muito macios que até o final do ano passado simplesmente não possuía.

Entre seios que cresciam e vozes que engrossavam, menstruações que apareciam repentinamente e barbas que se tornavam pouco a pouco mais grossas, eles cresceram. Saudáveis, fortes e belos. E no ano em que fariam dezoito anos, Christian livrou-se de parte do medo e timidez que nos últimos tempos ligava à imagem e lembranças que tinha de Paula e conseguiu, naquela festa que acabava de terminar, abraçá-la e beijá-la durante duas horas. Isso aconteceu no sofá morno e confortável da sala de visitas da casa de Gabriel e Marcela.

Não era segredo para ninguém que entre os dois existia uma espécie de atração já há alguns anos, mas, nem ela nem Christian pareciam dispostos a tomarem alguma atitude com relação àquilo. Ambos tímidos, não levavam muito jeito com seus respectivos sexos opostos. Paula não havia sido a primeira garota que Christian beijara na vida. Foi a segunda, pois a primeira havia sido uma amiga de um primo seu. Aconteceu durante um churrasco na casa de tios dele, depois de Christian ter tomado várias cervejas e a menina em questão ter simplesmente o agarrado, sem deixar brechas para a fuga. Não passou disso, e apesar dos hormônios de Christian implorarem por contatos mais íntimos com garotas, ele agüentou. Na ocasião, Christian achou uma lástima manter-se firme. Influenciado pelo mundo ao seu redor e principalmente por seus amigos e conhecidos que já faziam sexo, ele achava que já estava mais que na hora de perder a virgindade. Não foi com a amiga do primo que isso aconteceu.

Já para Paula, Christian foi o primeiro rapaz que beijara. Ela possuía receios semelhantes aos dele, entretanto, não se deparou com algum amigo de primo que a encurralasse. Além do mais, tais fatos da vida, como estar a fim de alguém, não lhe chamavam a atenção como chama para outras tantas pessoas. Era tudo relativamente calmo em seu interior, assim como a paixão ingênua e sincera que sentia por Christian. E foi usufruindo dessa calma interior que percebeu quais eram as verdadeiras intenções dele, quando ele se sentou ao seu lado naquele sofá.

Ela segurava um copo cheio de cerveja com coca-cola, e com a outra mão segurava o dedo indicador de uma das mãos de Marcela, enquanto ria de alguma coisa qualquer quando ao seu lado Christian sentou-se um tanto pesadamente. Paula virou o rosto na direção do recém chegado e presenteou-lhe com um belo sorriso. Pouco tempo depois, mais algumas pessoas foram chegando perto e aglomerando-se ao redor do sofá. Christian já havia bebido o que julgara suficiente para desinibi-lo, mas mesmo assim não se achava capaz de demonstrar nada à garota. Reclamou para si mesmo que a culpa era daquele monte de gente. Não obstante, inconscientemente agradecia a presença de todos porque assim podia adiar o momento da investida um pouco mais.

Como a situação parecia irremediável temporariamente, ele resolveu bebericar qualquer coisa que viesse até ali em uma garrafa ou copo. Apesar de ainda não ter idade suficiente para ter conhecimento do fato, a verdade é que

ele carregava uma carga genética que dizia que ele seria um alcoólatra inveterado aos trinta e cinco anos. Entretanto, tal verdade ainda era camuflada pela sua idade. Aos dezessete anos, para ele e seus amigos, era normal e até bem visto ser um beberrão de festas. E se o cidadão se encontrava apenas entre conhecidos, como era ali o caso, melhor ainda. Tomar um porre conferia o equivalente a uma medalha de bravura à pessoa que bebia até literalmente arrastar-se pelo chão e no outro dia conseguir lembrar-se de como tudo havia sido, tendo assim algo que contar sobre essa experiência de alteração de consciência. Sem saber de motivos que poderia usar para maldizer seus antepassados etilistas, ele passou um pouco do limite que tinha imposto para si mesmo, e quando se deu conta estava enrolando o “r” e tinha um dos braços esticados por trás do encosto do sofá, tendo as pontas dos dedos sobre o ombro de Paula. Assustou-se quase ao ponto de retirar sua mão de onde estava como se tivesse acabado de tocar uma frigideira cheia de azeite quente. Porém não o fez. Mantendo os dedos exatamente onde estavam, constatou quase embevecido que Paula com toda a certeza desse mundo tinha se dado conta de onde sua mão estava, significando que ela aprovava o fato, ou que no mínimo não se importava. Aquilo fez com que se recuperasse de seu estupor alcoólico e começasse a agir. Não havia motivos para adiar aquilo por mais tempo.

Ele passou as pontas dos dedos levemente sobre o ombro da garota, fazendo com que ela meneasse a cabeça um pouco para a esquerda, como se permitisse e pedisse que aqueles dedos continuassem se quisessem até em outras partes de seu corpo se assim desejassem. Fingindo endireitar-se no assento, aproximou seu corpo do da garota, e obedecendo aquele desejo silencioso dela, as costas de seus dedos desta vez acariciaram próximo ao seu queixo. Ainda tinham algumas pessoas próximas do sofá, mesmo assim, Paula virou-se na direção de Christian e ambos trocaram algumas palavras, antes de Marcela passar por trás deles e dizer que iria buscar mais um copo na cozinha. Paula tentou acompanhá-la virando a cabeça em sua direção. Ao mesmo tempo em que fazia isso, segurava a mão de Christian, que ainda estava sobre seu ombro. Enquanto ambas trocavam algumas palavras rapidamente, terminando cada frase com um sorriso ou risada, Christian pode dar-se conta mais uma vez de como a garota que estava ali ao seu lado era bonita.

Paula usava um vestido simples, que deixava apenas parte de seus joelhos a mostra. Suas sandálias estavam no chão, próximas ao sofá, uma ao lado da outra. Havia as deixado ali depois de tirá-las, pois queria sentar-se em cima das pernas encolhidas. Provavelmente quando fosse se levantar, não as calçaria, saindo pela casa com os pés descalços. Não usar calçados talvez fosse uma de suas maiores manias. Seu cabelo comprido havia sido trançado e duas argolas prateadas pendiam dos lóbulos de suas orelhas, refletindo a pouca luz do ambiente. Suas pálpebras haviam sido levemente escurecidas por um pouco de maquiagem, assim como os cílios haviam sido ressaltados pelo rímel. Os cílios de Paula eram longos por natureza, e a maquiagem dava-lhe a impressão de que encompridavam um pouco mais. A pele clara denunciava muita maciez naquele rosto magro e anguloso, fazendo com que Christian involuntariamente tivesse vontade de segurá-lo, para sentir os ossos dos maxilares, assim como a espessura do pescoço. Ele reparava em seus dentes e cogitava se era realmente possível alguém ter um sorriso tão lindo como o dela, e quase amargamente sentiu uma vontade muito grande (acompanhada de uma sensação de torção no

estômago) de sentir o gosto da saliva daquela boca, que fazia aqueles caninos pontiagudos brilharem daquela forma.

Quando Marcela foi se na direção da cozinha, Paula voltou a dar atenção ao seu companheiro de sofá e este, ainda aturdido por sua beleza, demorou ainda alguns segundos para dar-se conta de que ela lhe dissera algo. Não se deu ao trabalho de perguntar-lhe o que havia sido. Atalhando e sem se dar conta do que iria dizer, falou:

-Você é bonita demais. –Paula interrompeu o sorriso nesse momento, endireitou-se no sofá, sem antes tomar sua mão do ombro, passá-la por cima de sua cabeça e segurá-la entre as suas em cima de seu colo: - Que é isso Cris,li uma vez que quando se bebe,temos a impressão de que as pessoas ficam mais bonitas em cerca de 10%, se não me engano. Acho que é isso.

-Não faz diferença. Você é bonita de qualquer forma. Ninguém precisa estar de porre pra se dar conta disso. – Paula sorriu discretamente e olhou para as suas mãos, que envolviam a de Christian:

-Muito obrigada, mas ainda acho que são seus olhos... –Antes que ela pudesse completar a frase, um sujeito alto e corpulento, apelidado por não se sabe quem de Urso, aproximou-se e estendeu-lhes um baseado fumado pela metade. Ele tinha olhos mansos contrastando com seu tamanho e uma voz pacífica que já tinha feito Paula pensar em Lou Reed quando o ouviu falar outras vezes. Urso estendeu a guimba acesa na direção deles dois. A fumaça densa escapando da brasa foi flutuando até passar diretamente pelo rosto de Paula. Ele dizia:

-Ei, gente!Eu não quero mais fumar. Pelo menos por enquanto. Acho que se eu tentar terminar esse daqui vai me acontecer o que me aconteceu no posto Esso. Daquela vez eu achei que ia simplesmente apagar, isso sem falar que um raio e um trovão quase me fizeram ter um enfarto. Bom, eu não vim até aqui pra contar isso a vocês. Eu apenas os enxerguei lá de trás e como parecem estar tendo um momento legal aí, eu resolvi oferecer. Vejam bem,quando se está de bem com a vida,a maconha só melhora as coisas.

Urso continuou com a mão estendida na direção do casal, que se entreolhou, como se cada um deles esperasse algum sinal de aprovação do outro. Para Christian, alguma coisa no olhar de Paula disse que sim, e isso foi o suficiente para que ele estendesse a mão na direção do meio baseado fumegante e o apanhasse. O rosto redondo de urso encheu-se de satisfação. Ele não disse mais nada e voltou por onde viera. Algumas pessoas ainda encontravam-se próximas do sofá, mas já não conversavam com eles dois, dando-lhes liberdade suficiente para que tratassem de seus assuntos. Christian deu duas longas tragadas no cigarro de maconha, em seguida passando-o para Paula, que também fumou. Enquanto o garoto ainda segurava a fumaça dentro dos pulmões, Paula soltou a que tinha inalado e ofereceu a ele mais um de seus sorrisos.

Por algum tempo, o assunto que antes havia sido motivo da conversa de ambos pareceu ter desaparecido, fazendo com que se mantivessem em silêncio durante algum tempo enquanto o baseado ficava cada vez menor. Era apenas uma questão de tempo para que começassem a chegar ao estado em que as coisas, de fato, ficam melhores. Começaram a conversar novamente quando Marcela voltou com o dito copo que havia ido buscar cheio de cerveja. Ela

passou pelo sofá e tomou da mão de Paula o que restara do baseado, sorrindo para os dois e piscando confidencialmente para sua amiga, que lhe respondeu apenas com um sorriso tímido e um olhar para baixo, na direção das pernas. Quando Marcela desapareceu em uma porta adiante, em meio a um grupo de pessoas risonhas e levando o restante do baseado, eles voltaram a se falar:

-Me desculpe por ter dito o que disse antes Paula, é que você realmente é muito bonita, e pelo que eu lembre, não tinha lhe falado isso ainda. Como acho que algo assim não deva passar despercebido, eu falei. Pra ser sincero...

-Tudo bem Cris, e muito obrigada pelo elogio. Foi muito gentil de sua parte. - Nesse momento ela acariciou de leve a mão do garoto e olhou com uma expressão de "Tudo bem mesmo" para ele. Uma breve pausa na música ambiente se fez, e no lugar dos Stones, uma voz feminina, que nem ele nem Paula conseguiram identificar, começou a cantar Son of a Preacher Man. As caixas de som mais uma vez inundaram o ambiente e a partir daquele momento as palavras não foram mais necessárias, pois o instinto é dominador de várias coisas.

A mão que Paula segurava entre as suas foi até seu rosto e o acariciou. Ela por sua vez esfregou uma das bochechas na palma daquela mão quente e macia. Em seguida a mão seguiu caminho, passando por seu pescoço e parando próxima a sua nuca. Sua cabeça foi puxada delicadamente para frente e ela cedeu. Olhando diretamente para os olhos de Christian, a garota percebeu a vermelhidão que havia neles causada pela droga. Achou o fato engraçado, pois pensou que os seus deveriam estar semelhantes aos dele. Antes de seus lábios se tocarem, desejou ter em seus próprios o brilho que via nos olhos do rapaz.

Aquele primeiro beijo foi para Christian um verdadeiro Nirvana. Obviamente as sensações de prazer que sentia eram potencializadas pelas drogas que corriam livremente em seu sangue, porém, para ele, mesmo se tivesse se dado conta do fato, pouco ou nada importaria.

Primeiramente seus lábios simplesmente acariciaram os de Paula durante algum tempo, como se procurassem alguma permissão para ir adiante. Sentiu os dentes dela em sua boca e então ambas se abriram mais. Suas línguas avançaram avidamente uma contra a outra como se quisessem entrelaçar-se. Percorreram-se em toda a extensão que seus comprimentos permitiam, e quando a de Christian momentaneamente recuou para dentro de sua boca, apenas tempo suficiente para investir novamente, ele pode sentir o gosto que tanto ansiara anteriormente. Saliva.

Sentindo e vivendo aquilo que desejara tão ardentemente durante tanto tempo, Christian foi consumido por todo o desejo que até então mantinha preso dentro de si. Abraçou-a fortemente, puxando-a para mais perto, sentindo os seios da garota contra seu peito e quase que imediatamente começando a ter uma ereção que o impediria de se levantar dali por um longo tempo. Enquanto quase perdia todo o fôlego naquele beijo, Paula passou uma de suas pernas, que até então mantinha dobrada sob o corpo, e colocou-a sobre suas coxas. O garoto sentiu a panturrilha dela puxar suas pernas para mais perto, e se tivesse tido a oportunidade de olhar para baixo de onde estava, veria seu vestido muito acima dos joelhos. Como consequência, ele poderia vislumbrar as partes de dentro das coxas de Paula, com um pedaço do vestido cobrindo a calcinha branca que ela usava naquela noite.

Mantendo-a apertada contra si enquanto se beijavam, Christian acariciou-lhe as costas e sentiu suas costelas finas sob o tecido do vestido quando suas mãos exploraram as curvas delicadas de seu corpo. E sem que ele esperasse por isso, ela levou uma de suas mãos até sua coxa direita, a que ainda estava dobrada por baixo do corpo. Ali, para onde sua mão havia sido levada, o encosto do sofá cobria a visão de qualquer um que pudesse passar por ali. Seus dedos enterraram-se na maciez daquela pele e naturalmente eles encontraram a parte interna de uma coxa quente e que aparentemente começara a suar. Seu dedo polegar quase alcançou a virilha de Paula e o indicador conseguiu sentir em sua ponta a textura do tecido de sua calcinha. A garota estremeceu nessa hora, e ele continuaria sem sombra de dúvidas, entretanto, achou prudente desacelerar o ritmo dos acontecimentos, e aos poucos o abraço foi afrouxando-se pouco a pouco até que as duas mãos de Christian subiram e a seguraram pela cintura.

Quando seus lábios deixaram de se tocar, ela ainda manteve os olhos fechados durante algum tempo. Christian limitou-se a observá-la, e pode ver quando ela passou a língua sobre os próprios lábios, como se nesse gesto pudesse reter o final daquele beijo. Uma lembrança para resto da vida. Ele sorriu involuntariamente na semi-escuridão da sala. Quando Paula abriu os olhos, pode vê-lo sorrindo. Sentindo verdadeira felicidade ao constatar o bem estar estampado nos olhos do garoto, ela tirou a perna que se encontrava sobre suas coxas e ajoelhou-se no sofá para em seguida literalmente saltar com os braços abertos em sua direção. Abraçou-o fortemente durante muito tempo:

-Obrigada, querido! Obrigada, mesmo!

-Não tem que me agradecer por nada, Paula. Se agradecimentos devem ser feitos, eles devem partir de mim, e não de você. – Ele realmente não esperava por um agradecimento naquela hora, entretanto, a satisfação que ela lhe transmitia deixava-o sentindo-se de uma maneira que até então não sabia que era possível existir:

-Ah!Você não entende, Christian. Eu esperei por isso durante tanto tempo. Tanto tempo! – Christian definitivamente não sabia o que dizer e nem fazer. Era como se aquilo não estivesse acontecendo. Seu aturdimento era tamanho que ele ficou alguns instantes apenas olhando por cima do ombro da garota, que o apertava e o acariciava nas costas. Quando conseguiu formar uma frase coerente, perguntou:

-É mesmo?Desculpe minha surpresa, mas por essa sua satisfação, eu realmente não esperava. – Ela parou de abraçá-lo, sorriu radiosamente e em seguida beijou-lhe rapidamente a boca:

-E não teria como esperar. Eu sempre tentei esconder isso de você e dos outros. Apenas Marcela sabia que era tanto assim. Sei que sou uma boba, e também sabia desde antes que agindo dessa forma eu não levaria nada a lugar algum. Bom, eu cheguei a pensar que, fazendo como fazia, eu conseguiria no mínimo nunca ter você... Como eu tenho agora. Mas... Eu tinha medo de ser rejeitada, e esse medo me levou a esconder tudo como escondi. Perdoe-me, sim?

Christian, literalmente bestificado com aquela revelação, levou alguns instantes para conseguir falar. Sabia agora que ela havia tentado esconder sua atração por ele, porém, ao lembrar-se de determinadas situações, constatou que

ela não fora totalmente bem sucedida nessa tarefa. Lembrou-se de olhares inesperados, sorrisos contidos da parte dela e a delicadeza de sua voz quando se falavam. Percebia desde tempos atrás que a maneira como ela conversava com ele não era a mesma maneira que ela conversava com os outros. Não que ela fosse rude ou qualquer coisa parecida, mas sentia que com ele era, no mínimo, diferente. Estes pequenos sinais que o alertaram anteriormente o levaram até aquela situação que tanto bem lhe fez. E agora ele encontrava-se ali com ela, daquela maneira. Linda, apaixonada e confidente:

-Não existe nada para ser perdoado meu bem. Estamos aqui, e é isso o que importa. Não vamos pensar no que poderia ter acontecido e no que não aconteceu. Vamos ficar bem, juntos, agora e quem sabe daqui para frente. – Os olhos de Paula pareceram encher-se de um brilho intenso ao ouvir a última frase de Christian. Ela fez menção de falar mais alguma coisa, entretanto, limitou-se a sorrir e em seguida voltaram a se beijar.

Passaram muito tempo beijando-se apaixonadamente. Christian teve tempo de perceber que algo umedecera sua cueca, enquanto Paula sentia algo molhado entre as pernas, tornado sua calcinha levemente mais transparente em determinado lugar. Quando seus lábios tornaram-se levemente dormentes e sensíveis, (e não por esse fato) eles mantiveram-se abraçados e voltaram, pelo menos um pouco, a participar do que ainda restava da festa. Ambos do seu jeito curtiram os efeitos do álcool e da maconha. Prestavam certa atenção nas outras pessoas e para as formas do ambiente, escutaram a musica e acharam graça de algumas coisas. Tudo era muito bom, e Christian desejou que aquilo ali não terminasse nunca.

Marcela, que notou quando as coisas, pelo menos temporariamente, haviam esfriado entre eles, reaproximou-se animadamente: - Felizes, não é, meus caros? Que bom, eu também estou feliz. Urso entrou em uma paranóia sobre satélites russos e americanos, enquanto tentava convencer a todos que a matéria é luz coagulada. O raciocínio é legal e faz sentido, mas eu tive que sair de lá porque a Letícia estava fazendo sons guturais dentro do banheiro, segundo o que me chegou aos ouvidos. A casa é minha e eu tenho que impedir determinadas coisas. Quando cheguei ao banheiro, ela parecia um velociraptor tossindo lá dentro, vocês lembram-se daquela cena em Jurassic Park, quando as crianças estão se escondendo na cozinha? – Christian e Paula, divertidos com a narrativa de Marcela, entre sorrisos, responderam que sim: - Então, era a mesma coisa, e o resto se resume em Marcela entrando no banheiro, água e desinfetante.

-E como ela está agora? – Paula perguntou, ainda achando graça da situação.

-Ah, ela está bem. Dormindo no meu quarto. Já telefonei pra mãe dela e disse que ela dormirá aqui hoje comigo. – Marcela sempre tivera um senso muito grande de responsabilidade com os outros, o que a tornou, em um futuro um pouco distante, uma excelente mãe de três filhos: - Mas e vocês? Urso me contou que o clima estava legal por aqui. Também falou que teve receio de intrometer-se, mas vocês sabem como ele é. Sempre enaltecendo os efeitos da Cannabis e blá, blá, blá. Alegou que deixaria as coisas mais intensas entre vocês dois. Ele é uma graça.

-Diga a ele que agradecemos, foi legal da parte dele, não acha, Paula? – Disse Christian.

-Com certeza!Depois mais eu vou conversar com ele. É um sujeito bacana.

-Não precisa, Paula. – Atalhou Marcela. – Podem ficar aí à vontade, eu dou o recado depois. Ah! E se for o caso, eu me retiro. Não quero atrapalhar vocês e...

-Por favor, Marcela. – Começou Paula. – Não tem porque você sair daqui. Sente-se e vamos beber mais um pouco. Pode ser?

Marcela pareceu pensar na proposta durante alguns segundos, como se a decisão fosse realmente muito importante. Por fim resolveu-se e disse: - Alguém de vocês tem cigarros?

Christian tateou os bolsos rapidamente e encontrou apenas um maço vazio: - Droga! O que eu faço com isso aqui no meu bolso? – Olhou com uma expressão de desculpas para Marcela e voltou a guardar o maço meio amassado no bolso da camisa: - Me dê isso aqui, Cris. Eu vou até a cozinha pegar alguma coisa pra bebermos e já joga fora pra você. – Christian entregou-lhe o maço vazio e ela afastou-se dali: - Eu já volto.

Paula aninhou-se por debaixo do braço de Christian e depois de beijar-lhe no pescoço falou: - Isso tudo está tão bom. Obrigada por estar aqui comigo. – Christian lhe deu um breve beijo na cabeça, sentindo o cheiro de limpeza em seu cabelo: - Eu que lhe agradeço Paula. Você é a melhor coisa que me acontece em muito tempo. – Ela comprimiu seu corpo no dele e sussurrou como se falasse mais para si mesma do que para ele: - Você também.

Sorrindo involuntariamente mais uma vez, o garoto perguntou: - Vamos sair juntos amanhã?Podemos convidar Marcela e Gabriel, e o Urso também. Que me diz? – Ela endireitou-se no sofá mais uma vez e olhou-o nos olhos sorrindo: - Eu adoraria!Quando ela chegar perguntamos. Christian beijou-a longamente até ouvir a voz macia de Urso mesclada às gargalhadas de Marcela. Urso trazia duas garrafas de cerveja e Marcela já segurava um cigarro aceso entre os dedos. Puxaram cadeiras para perto do sofá, conversaram durante cerca de quarenta minutos e dividiram mais um baseado que surgiu do bolso de Urso.

Foi Urso quem dominou a maior parte da conversa. Ele tinha certo dom com as palavras, tornando boa parte do que falava engraçado. Isso, aliado a uma boa noção de interpretação espontânea, fez com que o grupo risse quase sem parar. Marcela riu quase histericamente em determinados momentos, não porque achasse que tudo que Urso falasse era tremendamente engraçado, mas porque estava muito bêbada. Entretanto, essa embriaguez não era forte o suficiente para que ela perdesse a noção das coisas e nem deixasse passar despercebida qualquer situação que merecesse atenção. Afinal de contas, como ela mesma havia dito, aquela era a sua casa, e como o número de bêbados era grande, devia precaver-se.

-Então, meu irmão me disse que a tal garota lhe contou que, agora que o pior havia passado, ela conseguiu tocar a vida para frente e que encontrara alguém. Não que ela tenha procurado, obviamente. Foi, segundo o que meu irmão me contou, algo natural e único na vida dela. Algo especial. Raios! Eu estive com eles certa vez, e tudo o que ela sabia dizer era sobre a beleza do mundo e da vida. Sobre como as pessoas que conviviam com ela eram especiais e a admiravam. Enfim. Ela tentou dar uma de esperta com meu irmão... Bom, isso eu já contei. O que interessa é que conseguiu deixá-la. E não é para menos, com uma criatura daquela como namorada, a pessoa tem que no mínimo ter atividade

cerebral semelhante à de um ganso. Certo, eu estou deixando a estória muito longa, mas o que eu quero dizer é que a maluca fez questão de vir contar pra ele que está construindo algo com essa nova e especial pessoa que encontrou. Sabem, meu irmão é um cara tranquilo, que não gosta de atritos e nem de ofender ninguém. Mas eu lhes digo que se fosse eu no lugar dele, teria dito àquela retardada que ficasse à vontade pra construir o que quer que tenha vontade de construir com esse tal especial, mas que por mim, que fosse construir no inferno ou em alguma ilha rodeada de mijo.

Marcela explodiu em gargalhadas ao final do relato que Urso fez. Christian e Paula também, porém de uma maneira um pouco mais contida: - Mas, Urso, - Disse Paula. – tudo bem que ela não precisava ter ido contar ao seu irmão sobre como a vida dela ia indo. Foi um pouco infantil, eu acho, mas eu não entendo essa sua raiva. Se é que é raiva. – Urso deu uma tragada feroz em seu cigarro enquanto enchia seu copo mais uma vez. Soprou a fumaça ruidosamente e encarou Paula com seu olhar manso. Seu rosto redondo estava vermelho: - É um pouco de raiva sim, Paula. Um pouco por ela ser como é e o restante por ela ser o tipo de pessoa que pensa que o mundo é um lugar bonitinho e doce como um morango. O que alguém assim tira de proveito da vida? Enquanto estamos aqui bêbados, drogados e aquecidos pelo calor humano um do outro, existem crianças famintas na África que nunca irão saber como é o gosto de um bife. Elas se sentiriam as criaturas mais privilegiadas da criação se tivessem patas de galinha para o almoço, mas não é assim que a banda toca. Para determinadas pessoas, quando essas crianças não agüentarem mais a fome que sentem dia após dia, poderiam muito bem comer um punhado de terra. E é melhor que se dêem por satisfeitas, porque nem água para fazer descer elas terão. Em pontos de venda crack, nesse exato momento alguma garota é mantida em algum quarto imundo, por vontade própria, transando com qualquer infeliz que aceite pagar-lhe com uma pedrinha. Provavelmente irá engravidar sem ao menos saber de quem, e se for só isso ela ainda estará no lucro. Mas o HIV, a gonorréia e mais uma lista de porcarias estão por aí. Enfim, eu não estou aqui para dar exemplos a ninguém. Vocês sabem tanto quanto eu.

-Certo, - Disse Paula – e por essa garota aí não manter isso na cabeça o tempo todo você a odeia?

-Não exatamente. Não vejo as coisas exatamente assim. Até porque, eu não me odeio, e não mantenho essas coisas em foco na minha cabeça o tempo inteiro. Meu problema é pessoal com essa garota. Quero dizer que, existem pessoas que não pensam em todas as desgraças o tempo inteiro, mas são boas pessoas. Elas se importam e tem noção disso. Já é um começo. Mas existem outras, como é o caso dessa vaca, que até sabem, mas fazem questão de ignorar. É como se isso não fizesse diferença nenhuma. E ainda tem o peito de olhar para um pedinte na rua e dizer que sentem por ele. Mas se alguma moça chega até elas no estacionamento de uma grande festa, ou na frente de um bar onde você compra uma garrafa de cerveja por 16 reais, e lhe pede alguns trocados, elas irão tratá-la como se fosse um suíno. Mesmo que essa mesma moça esteja com pouca roupa em uma noite de inverno e sustentando uma barriga enorme com uma criança dentro dela em final de gestação. Vejam bem, não é a questão de dar um pouco de dinheiro para a infeliz. Você pode até não dar esse dinheiro, mas importe-se em ser pelo menos educado e gentil com esses pobres diabos.

Paula endireitou seu corpo mais uma vez e perguntou: - Acha que essa moça faz parte dessas pessoas que não se importam?

-Infelizmente, sim. Apesar de ela não ter se dado conta disso. E provavelmente nunca irá se dar conta disso. Sabe por quê? Porque as pessoas simplesmente não têm o hábito de usarem seus cérebros para pensarem no que realmente deveria ser pensado. – Dessa vez não ouve nenhum riso ou gargalhada quando Urso concluiu seu raciocínio. Ele, percebendo que algum tipo de constrangimento pudesse surgir, interrompeu o silêncio que havia começado:

-Mas esqueçam isso tudo que eu falei, meus queridos. Nada é tão ruim que não possa piorar. Não prestem atenção a tudo que eu digo, fiz dezenove anos a dois meses e já me sinto um velho. Nós temos o céu, temos os hamsters, que são muito bonitinhos, por sinal, e temos o amor e a paixão. Inclusive temos um belo exemplo disso aqui. – Dito isso apontou para Christian e Paula com um largo e quase cômico sorriso. Eles sorriram timidamente para lugar nenhum e em pouco tempo já riam e brincavam novamente.

Pouco tempo depois vários dos convidados começaram a ir embora. A bebida já havia terminado e muitas pessoas já não tinham mais disposição para continuarem por lá. Urso pediu licença e foi ao banheiro, enquanto Marcela foi ver o que seu irmão estava fazendo. Descobriu-o dormindo profundamente em uma cadeira de praia na garagem da casa. Depois de levá-lo ao quarto e com muito custo conseguido tirar-lhe a camisa que cheirava a cerveja, fez com que se deitasse na cama. Quando voltou à sala ocupou-se com as despedidas e com o abrir e fechar a porta para os bêbados alegres e sonolentos que já achavam que era a hora de irem para suas casas. Alguns pais foram buscar seus filhos e dar caronas, outros se arriscaram a irem eles próprios dirigindo. Marcela os advertia, abraçava-os e dando-lhes beijos nas bochechas, acenando enquanto os carros se afastavam. Quando voltou para a sala, encontrou um grupo de garotas que esperavam suas caronas chegarem. Um Rapaz chamado Nicolás sentado no chão em um canto e Urso, com uma garrafa de vinho aberta no chão, entre ele, Paula e Christian.

-Você é uma graça, grandalhão, apenas não me diga que esse é um dos vinhos de meu pai. – Dessa vez foi Urso quem gargalhou: - É sim, querida. Mas não se preocupe, tive o cuidado de pegar a garrafa que continha o mais vagabundo de todos eles. Sei que desses aqui eles vendem no Esso. Amanhã eu compro outra e lhe trago. – Marcela acendeu mais um cigarro, aproximou-se deles e pegou o copo plástico que Urso lhe estendia: - Traga dois. Repomos o de meu pai e o outro você bebe comigo. Feito?

Urso inclinou levemente a cabeça assentindo: - Será um prazer. - Foi nesse momento que Christian lembrou-se do que havia programado com Paula: - Paula e eu vamos sair amanhã. Gostaríamos que fossem conosco. O que acham? Diga para Gabriel vir também, isso é, se ele se encontrar em condições.

-Meu irmão não precisa mais do que essa noite de sono, Cris. Se tudo estiver bem para o Urso, eu estou dentro. – Urso sorriu para eles todos e disse que iria também.

-Combinado, então. – Disse Marcela. – Mas você passa aqui antes, garotão. Preciso daquela garrafa... Cheia.

-O plano continua o mesmo? Duas?

-Obviamente. Aonde iremos?

Christian olhou para Paula, que deu de ombros. Voltando a olhar para Marcela e Urso, perguntou se eles tinham alguma sugestão. Urso sugeriu o Bokão, que era um bar com mesas ao ar livre, onde o proprietário era um sujeito alto e desengonçado que possuía arcadas dentárias enormes. Todos acharam uma boa idéia, entretanto, Paula disse que talvez não desse certo, pois se a polícia desse as caras por lá e resolvesse pedir para ver algumas carteiras de identidade, talvez houvesse problemas. A isso, Urso respondeu que não haveria problemas desde que ela e Marcela mantivessem duas latas de coca cola em cima da mesa: - Além do mais, se percebermos que alguma chateação possa vir para o nosso lado, nós iremos embora.

A saída ficou combinada e minutos depois Clarice, que tinha a beleza lenta e comprida de uma garça, aproximou-se deles e perguntou para Paula se ela gostaria de uma carona, já que moravam mais ou menos perto uma da outra e seu pai já estava a caminho. Paula aceitou: - Claro. Assim eu não preciso acordar a minha mãe. Muito obrigada. – De nada, Paula, ele já deve estar chegando. – E sorrindo de maneira um pouco apagada voltou para junto das outras poucas garotas que ainda estavam presentes.

Urso levantou-se pesadamente e bocejou: - Bom, meus queridos. Eu vou indo nessa. Foi tudo ótimo, e, Marcela, muito obrigado por ter me convidado. Christian, Paula, foi um prazer. Estamos combinados para amanhã. Agora vou para casa, me recuperar. – Marcela foi em direção a ele, passou os braços ao redor de seu pescoço e deu-lhe um beijo no canto da boca: - Você será sempre bem vindo, grandalhão. Espero você amanhã com o vinho do meu pai. Eles voltam em três dias, portanto, cumpra o combinado comigo. Te espero a partir das cinco horas. Tudo bem para você?

Urso recobrou a vermelhidão de seu rosto depois do beijo de Marcela, gaguejou um pouco e por fim disse-lhe que estaria ali às cinco horas: - Só mais uma coisa, garotão. Poderia por gentileza me deixar uns dois cigarros? – Urso tateou os bolsos como Christian havia feito anteriormente, com o mesmo resultado. Com um olhar de desculpas para Marcela, balançou a cabeça negativamente.

-Eu devo ter alguma coisa no carro, Marcela. Não dou certeza disso, mas geralmente deixo alguns cigarros no porta objetos. Abra o portão, por favor.

-Está aberto, Cris. Eu lhe acompanho. – Quando Christian fez menção de que iria se levantar, Paula sorriu e lhe disse que ia junto: - Vá indo Cris, só vou aproveitar e calçar minhas sandálias. Te encontro lá fora. – Christian assentiu e olhou para Urso: - Eu vou aproveitar e ir ao banheiro mais uma vez, Christian. Já te alcanço. – Tudo bem. – ele respondeu, e foi em direção à porta alcançando o exterior e incomodando-se com toda a luz de lá. Antes de alcançar o portão olhou tanto para Marcela quanto para Paula, e ao virar-se para tocar a maçaneta, sorria novamente. Encontrou os tais cigarros onde achava que estariam. Quando fazia a volta pela frente do carro para entregá-los à Marcela, viu com o canto dos olhos um carro se aproximando. Era o pai de Clarice. Paula iria para casa.

Apesar do horário, como se pouco ou nada ligasse para ele, Marcela berrou de onde estava para dentro da casa chamando as garotas que ainda estavam lá. Enquanto elas saíam da casa, Paula deu um sorrisinho brincalhão Para

Christian e levantou os ombros brevemente. Quando chegaram próximos um do outro se abraçaram e beijaram-se carinhosamente: - Vou me sentir uma boba agora, mas tenho certeza absoluta de que assim que entrar naquele carro vou começar a sentir saudades de você. – Abraçando-a fortemente, e sentindo o coração da garota batendo junto de seu peito, ele respondeu com todo o afeto que sua voz permitia: - Aposto o que quiserem com qualquer um que você não será a única a sentir saudades nessa estória. Mas é apenas por algumas horas, não é mesmo? Será legal mais tarde. Posso passar na sua casa e de lá viemos para cá.

– Combinado, meu querido, ligarei para Marcela e verei com ela um horário. Posso te ligar depois disso?

– Ligue sim, a hora que quiser. Estarei esperando. – Paula apenas fez que sim com a cabeça, enquanto sustentava um olhar embevecido para Christian. Beijaram-se uma última vez. Um beijo que ela lembraria para o resto da vida. Em seguida saiu para a calçada.

A sombra da lua lançando sombras da grade do portão às suas costas enquanto sua longa trança balançava suavemente, de um lado para o outro. Ao alcançar uma das portas traseiras do carro que havia estacionado, conduzido por um senhor calvo, gordo e aparentemente vestindo um pijama estampado, Paula despediu-se de Marcela e Urso, que voltava do banheiro secando as mãos nas calças jeans, com um aceno. Foi a última a embarcar, e antes de fazer isso, beijou a palma da mão e assoprou um beijo na direção de Christian, que se limitou a acenar-lhe vivamente enquanto sorria.

E para ele, a estória de ambos acabara de terminar ali, naquele aceno.

O garoto ficou mais algum tempo parado na calçada, esperando o carro que levava sua paixão embora - em direção à nunca mais - desaparecer depois da esquina quando Marcela chegou a seu lado e perguntou-lhe se não desejava dormir ali aquela noite. Christian disse que não havia necessidade. Informou-lhe que o máximo que faria ao sair dali seria dar uma volta pelo centro da cidade antes de ir para casa: - Tudo bem, Cris. Cuide-se. Aproveite e compre mais cigarros se passar por algum lugar aberto. – Nesse momento, dando um tapa de leve na testa como se houvesse acabado de lembrar-se de uma coisa muito importante, ele entregou o maço quase vazio à Marcela, que o apanhou e de dentro tirou dois, dos cinco cigarros que havia dentro. Entregou um a Urso, que esperava mais uma vez pelas despedidas, e o outro a Christian, que o colocou atrás da orelha como um vendedor faz com um lápis.

Dando uma última olhada naqueles dois que estavam lado a lado no caminho que levava ao portão, Christian despediu-se pela última vez. Em seguida abraçou ambos e foi embora. Enquanto seu carro afastava-se, apesar de não ter noticiado tal fato, Marcela e Urso beijavam-se na frente do portão.

Sua estória com eles dois também acabara de terminar, ali naqueles abraços.

Christian partiu sem olhar para trás lembrando-se de que devia ter falado mais uma vez sobre o encontro de todos eles na noite daquele dia que começaria dentro de algumas horas. Abanou a cabeça, dizendo a si mesmo que já tinham combinado, e além do mais, Paula dissera há minutos atrás que telefonaria para Marcela acertando os detalhes do horário. Portanto, sabia que seria avisado sobre isso e esqueceu o assunto.

Dobrando uma esquina alcançou a Avenida Independência e ligou o som do carro. Depois de uma introdução pesada de guitarra, Ian Gillan começou a cantar "Out Of My Mind".

Christian revivia da maneira mais nítida possível os acontecimentos relacionados à Paula vividos horas e minutos atrás. Tanto o álcool como a maconha ainda agiam em seu corpo, fazendo-o sentir-se muitíssimo bem. Aproveitando tudo de bom que aquela noite havia lhe proporcionado até ali, decidiu-se por dar uma última volta, como havia dito à Marcela, antes de seguir para casa.

O trânsito era pequeno e o tempo agradável, além do mais, queria comprar mais cigarros, e para onde pensava em ir havia uma grande loja AM-PM no posto BR. Tomaria mais uma cerveja enquanto passeava pelas ruas pouco movimentadas do centro e seguiria seu rumo, bebendo enquanto dirigia. Mas já que se encontrava naquela parte da cidade que acabara de alcançar, mudou de direção e foi para o lado sul de Solidão.

Iria até o limite daquele lado da cidade, que era mais calmo. Abriria bem as janelas e deixaria o vento soprar por seu rosto, depois faria o retorno no trevo lá existente e seguiria para o posto de gasolina.

Seguiu dirigindo e cantando três ou quatro músicas que tocaram nesse meio tempo até que os Stones mais uma vez se fizeram ouvir por meio dos alto falantes. "Not Fade Away" chegava-lhe aos ouvidos como se fosse à música mais legal do planeta, e enquanto Jagger dizia "Love is Love and not fade away", Christian repetia essas mesmas palavras e imaginava um futuro com Paula ao seu lado.

Pensou em namoro, almoços familiares, filmes aos sábados a noite e nos cinemas, assim como apresentações a pais e irmãos e irmãs. Pensou sobre coisas que achava que poderiam compor um namoro. Obviamente não iria fazer pedido para semelhante coisa tão logo a avistasse, o que deveria acontecer, segundo seus cálculos, dentro de quatorze ou quinze horas. Porém, a ideia do namoro pareceu ter se instalado nele como uma mosca muito grande e gorda que acaba de ser presa por iscas adesivas em algum balcão de boteco. Namorar com ela parecia a coisa mais certa a se fazer. Assim como também lhe parecia a coisa mais agradável e confortadora que pudesse imaginar. Enquanto seus devaneios iam crescendo, lembrou-se do momento em que conseguira sentir a calcinha dela na ponta de seus dedos e teve, como tivera horas atrás, aquela mesma sensação de embrulho no estômago ao pensar em como seria enfiar-lhe um dedo inteiro entre aquelas coxas macias, suadas e quentes. A partir daí o resto de sua imaginação correu livremente para o fato de não ser somente o dedo que poderia muito bem enfiar nela. Poderia enfiar outra coisa entre as pernas dela, e sabia, ao lembrar-se do arrepio de Paula, que ela concordaria muito bem com isso. Ele precisava apenas de mais um pouco de tempo com ela, e, obviamente, um local adequado. Sentiu uma nova ereção ao seguir com tais imagens mentais e, com uma em especial, sentiu enorme prazer ao visualizá-la em seus pensamentos. Imaginava a boca de Paula beijando-o em outras partes de seu corpo. Com partes de seu corpo dentro de sua boca, além de um pouco mais de saliva. Na sua imaginação, o som desse beijo também era diferente.

A música ainda tocava como se fosse a apoteose do Rock and Roll. Naquele momento, Christian dizia novamente "Amor é amor e não irá desvanecer" ao som da guitarra de Richards, enquanto terminava de contornar o trevo sul da cidade.

Ainda sentia-se drogado e grogue, além do mais, ele tinha tido Paula durante aquela noite como ele a desejaria durante muitas noites mais. Não pensava em mais nada.

Ao sair do trevo não viu o caminhão que vinha da perimetral leste à sua esquerda em direção ao cruzamento que iria atravessar dentro de poucos segundos. O motorista do caminhão aparentemente também não viu, visto que atingiu seu carro em cheio no lado do motorista.

Um pedaço de metal retorcido e rangente entrou rasgando sua cabeça logo acima de seu lábio superior. O pedaço de ferro atravessou não somente a cabeça do garoto como também o encosto de seu banco. Christian morreu imediatamente e o restante do acidente só serviu para quebrar-lhe quase todas as costelas, assim como perfurar seus dois pulmões e o fígado e atirar o carro através das duas pistas contrárias a que ambos estavam, aproximadamente quarenta metros adiante. Posteriormente, o motorista do caminhão, um sujeito aparentemente muito calmo, teria dormido ao volante por resultado de três ou quatro noites insones devido ao consumo exagerado de anfetaminas. Christian foi velado com seu caixão fechado devido à mutilação que seu rosto sofrera. Aparentemente os agentes funerários ou não eram bons profissionais ou não havia mesmo muito que se fazer por ele. Christian deixou no mínimo seis ou oito pessoas inconsoláveis, entre elas uma Marcela que se culpava por não haver feito com que ele dormisse em sua casa na madrugada do acidente. A mesma Marcela que casara onze anos depois com Andreas, o qual Christian, na sua época, conhecera como Urso. A vida de Paula seguiu adiante como a de todo o mundo segue. Casou-se quando se formou em psicologia anos mais tarde. Seu marido, um homem bom que sempre se preocupava com ela e que se esforçava ao máximo para tirá-la de crises depressivas que esporadicamente teve ao longo de sua vida, teve com ela uma filha chamada Beatriz, que segundo diziam era tão bela quanto à mãe. A verdade era que Beatriz era muitíssimo mais bonita que Paula, apesar de muitos julgarem isso um exagero, mas sabendo no fundo que era a verdade. Paula jamais se esquecera de Christian, sempre mantendo em seus pensamentos que ele, aonde quer que estivesse, também nunca se esquecera dela.

Lucas Hessel, Passo Fundo,

Junho de 2011.